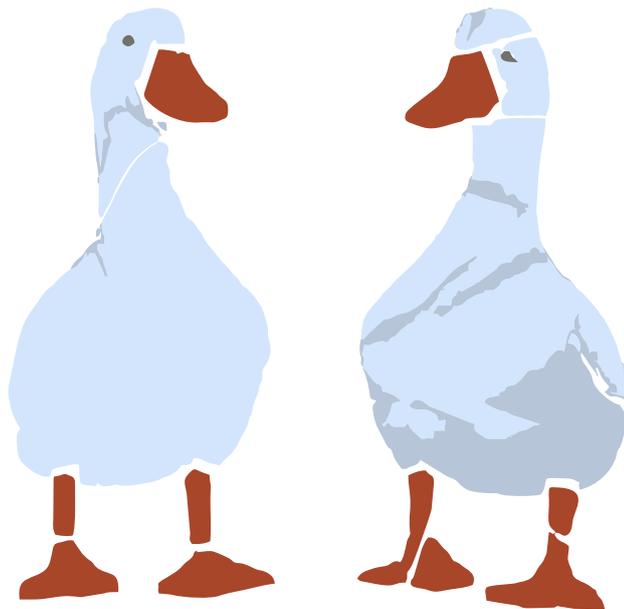


DA PRAÇA DA VELHA IGREJA À PRAÇA EDIVALDO MOTTA:

UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA DA PRAÇA NA CIDADE DE PATOS (PB)



Bruna de Figueiredo Brito Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE | UFCG
CENTRO DE TECNOLOGIAS E RECURSOS NATURAIS | CTRN
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL | UAEC
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO | CAU

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Discente: Bruna de Figueiredo Brito Silva
Orientadora: Kainara Lira dos Anjos

DA PRAÇA DA VELHA IGREJA À PRAÇA EDIVALDO MOTTA:

UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA DA PRAÇA NA CIDADE DE PATOS (PB)

Campina Grande (PB)
2023

S586p

Silva, Bruna de Figueiredo Brito.

Da praça da velha igreja à Praça Edivaldo Motta : uma análise morfológica da praça na cidade de Patos (PB) / Bruna de Figueiredo Brito Silva. - Campina Grande, 2023.

100 f. : il. color.

Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2023.

"Orientação: Profa. Dra. Kainara Lira dos Anjos."

Referências.

1. Praça. 2. Morfologia Urbana. 3. Urbanidade. 4. Patos - PB. I. Anjos, Kainara Lira. II. Título.

CDU 711.61(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CNPJ nº 05.055.128/0001-76
COORDENACAO DE GRADUACAO EM ARQUITETURA E URBANISMO
Rua Arpígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900
Telefone: (83) 2101-1400
Site: <http://ctrn.ufcg.edu.br> - E-mail: ctrn@ufcg.edu.br

DECLARAÇÃO

Processo nº 23096.089190/2022-01

O Trabalho de Conclusão de Curso “**DA PRAÇA DA VELHA IGREJA À PRAÇA EDIVALDO MOTTA: UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA DA PRAÇA NA CIDADE DE PATOS (PB)**”, foi defendido pela aluna: **BRUNA DE FIGUEIREDO BRITO SILVA**, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo foi APROVADO EM: 15 DE FEVEREIRO DE 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA:

PROF^a DR^a KAINARA LIRA DOS ANJOS (PRESIDENTE)
PROF. DR. MAURO NORMANDO MACEDO BARROS FILHO (EXAMINADOR INTERNO)
PROF^a ME KARLA AZEVEDO DOS SANTOS (EXAMINADORA EXTERNA)



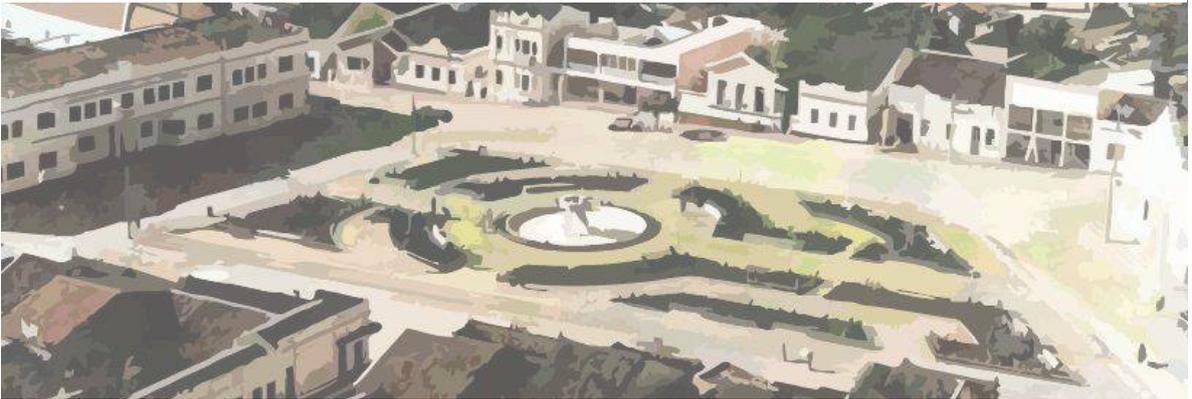
Documento assinado eletronicamente por **KAINARA LIRA DOS ANJOS, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/02/2023, às 09:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MAURO NORMANDO MACEDO BARROS FILHO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/02/2023, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3099357** e o código CRC **B579507F**.



Dedico este trabalho à minha cidade natal, para que sua história nunca se perca. Um pedaço de um todo, onde tudo começou e de lá se desenvolveu. Que essa memória se torne perpétua em cada coração. Patos, te amo Patos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim, que por mesmo tendo desacreditado ser possível concluir essa jornada e ter travado tanto no caminho, sempre persisti e passei por cima de cada dor para que fosse possível concluir esse ciclo, e hoje cá estou concluindo. A graduação tem sido uma provação do que quero para o meu futuro. Vim de uma geração que se permitiu sonhar com um futuro brilhante após a conclusão de um curso, mas hoje já não é bem assim. E me serviu para descobrir que por mais que eu admire cada pedaço da arquitetura e do urbanismo, meu caminho a se trilhar é outro. Acertou, em parte, quem disse que eu não aguentaria e desistiria dessa graduação, pois bem, eu aguntei concluí-la, mas desisto da mesma para que eu possa voltar a brilhar com algo que encha verdadeiramente meus olhos de paixão pelo que faço. E serei eternamente grata à graduação que me permitiu enxergar através dos meus olhos, e não pelo de quem sonhava por mim.

Agradeço imensamente por cada ser vivo que tornou essa caminhada mais leve, e olha, não foram tantas pessoas, mas valeram por muitas. Obrigada, minha mãe, por sempre ter incentivado a minha educação e por ter sempre me amado, apesar de tudo. Obrigada, minhas tias, por assumirem o papel de mães quando eu estava longe da minha, por eu ter ganhado mais duas e hoje ser feliz pelas minhas quatro mães (sim, minha tia que hoje se encontra apenas em espírito, diariamente me lembro de ti e a amo sempre mais). Obrigada, meu irmão, por nunca ter esquecido de mim e ter me ajudado, seja em questões técnicas ou a descobrir novas paixões em jogos. Obrigada, meus primos patoenses-campinenses e caninos, por terem sido como irmãos e me entregado tanto amor. Obrigada, meu filho poodle, por me encher de amor, mesmo há quilômetros de distância, e a minha filha calopsita, que por pouco tempo ficou presente em matéria na minha vida, mas que para sempre o seu amor perdurará.

Agradeço também a minha companheira, por ter sempre me incentivado, apoiado e ajudado nessa jornada, por nunca parar de mostrar o que de melhor há em mim e por estar diariamente ao meu lado. A cada dia que passa a amo um pouco mais. Obrigada, meus amigos de longa data, pela paciência por minhas ausências nas vezes em que não pude estar mais vocês, e pelo apoio e compreensão em, mesmo longe, estarem ao meu lado. Obrigada também aos amigos que fiz pelo caminho,

AGRADECIMENTOS

adotados dos de longa data, recém conhecidos e até mesmo recém reconhecidos, vocês tornaram meu caminho mais leve. Que essas amizades se fortaleçam cada dia mais.

Agradeço ao corpo acadêmico pela empatia nessa graduação, por saberem que a trajetória é árdua e sempre rouba tanto de nós, mas que sempre me incentivaram e não desacreditaram de mim quando eu mesma não mais acreditava. Obrigada aos presentes da banca, por serem tão solícitos e estarem a fechar essa minha última etapa. Nunca esquecerei de nenhum de vocês, cada um com seu jeito especial e único de ser, que deixaram suas marcas bonitas no meu coração. Obrigada também ao admirável historiador, jornalista e grande artista patoense que tive o privilégio de conhecer e de ter enriquecido as minhas lembranças sobre essa cidade linda a qual prestigo neste trabalho. Obrigada por ter sempre aberto as suas portas para me ajudar e me mostrar a importância da nossa história, que deve ser sempre fomentada. E obrigada minha cidade natal, por todas as vivências e lembranças que aqui faço desde criança, e levarei para sempre dentro de mim com tanto amor e gratidão, seja eu estando aqui ou há quilômetros longe de ti.

EPÍGRAFE

Num cantinho da minha pátria amada e dentro do meu coração
Está minha terra adorada de sonhos e de tradições
O seu nome foi tirado da lagoa dos patos tranquilos de lá.
No mundo uma terra tão boa eu creio, meu Deus, que não há.
Patos, te amo Patos,
Patos, eu sempre hei de amar

A riqueza escondida no teu seio não pode ninguém calcular.
De artista, a cidade é um esteio, são lindas as morenas de lá.
Nos teus campos é bonita a alvorada nos rios que correm por lá.
As loiras meninas douradas derramam perfume no andar.
Patos, te amo Patos,
Patos, eu sempre hei de amar

O progresso foi chegando de repente e os patos fugiram de lá
Deixando a saudade na gente e a ânsia de vê-los voltar.
Os seus filhos nos recantos mais distantes sussurram seu nome sutil.
São homens de feito brilhantes amando e honrando o Brasil
Patos, te amo Patos,
Patos, eu sempre hei de amar

HINO DE PATOS (PB)



Figura 07: Arte com azulejos quebrados – Representação de elementos marcantes na formação da cidade de Patos (PB): lagoa dos patos, gado, milho e padroeira da cidade. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).



Figura 08: Arte com azulejos quebrados – Representação de elementos marcantes na formação da cidade de Patos (PB): gado, algodão e padroeira da cidade. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

RESUMO

Este trabalho apresenta como objeto de estudo a Praça Edivaldo Motta, localizada na área central da cidade de Patos (PB), e tendo como objetivo analisar as transformações morfológicas percebidas desde a sua origem até os dias atuais. Nesse sentido, pretende resgatar os aspectos morfológicos da referida praça, influenciados por diferentes períodos históricos, sociais, culturais e econômicos que se sucederam ao longo da formação e do desenvolvimento da cidade. Para tal, foram realizadas pesquisas bibliográfica, documental e de campo, tendo como fonte principal de dados a seleção de fotografias históricas, desenhos técnicos e cartografias. Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, coleta de dados, sistematização e análise dos momentos históricos. A revisão bibliográfica se ateve aos aspectos da Morfologia Urbana definidos por José Lamas (2004), além de quesitos relacionados à Urbanidade estabelecidos por Jane Jacobs (2011) e Jan Gehl (2015), agrega também outros autores tidos como referências para os demais temas abordados (a praça e os espaços livres públicos e leitura urbana), tais como Renato Saboya (2011), Kevin Lynch (1982), Gordon Cullen (1983), Fabio Robba & Silvio Macedo (2003). Para a análise foram estabelecidos quatro momentos definidos a partir de acontecimentos importantes na história da cidade e da praça e intervenções físicas: Primeiro Momento 1900 - 1960; Segundo Momento 1960 - 1990; Terceiro Momento 1990 - 2010; Quarto Momento 2010 - 2023. Os desenhos aqui apresentados não são desenhos técnicos, mas possibilitam a efetiva análise e compreensão da análise das transformações de sua morfologia e dos seus elementos morfológicos. Pôde-se concluir que, apesar da praça contar hoje com uma boa infraestrutura, não é suficiente para proporcionar vitalidade contínua em seu espaço, dada as ausências de “olhos para a rua” e de políticas públicas que promovam atividades frequentes, bem como a falta de mais *playgrounds* infantis.

Palavras-chave: Morfologia Urbana; Praça; Urbanidade; Patos.

ABSTRACT

This work presents as object of study the Edivaldo Motta Square, located in the central area of the city of Patos (PB), and aiming to analyze the morphological transformations perceived from its origin to the present day. In this sense, it intends to recover the morphological aspects of the aforementioned square, influenced by different historical, social, cultural and economic periods that followed throughout the formation and development of the city. To this end, bibliographical, documental and field research was carried out, using the selection of historical photographs, technical drawings and cartography as the main source of data. Therefore, the research was developed through a bibliographic review, data collection, systematization and analysis of historical moments. The bibliographic review focused on the aspects of Urban Morphology defined by José Lamas (2004), in addition to questions related to Urbanity established by Jane Jacobs (2011) and Jan Gehl (2015), also adding other authors considered as references for the other topics covered. (the square and public open spaces and urban reading), such as Renato Saboya (2011), Kevin Lynch (1982), Gordon Cullen (1983), Fabio Robba & Silvio Macedo (2003). For the analysis, four defined moments were established from important events in the history of the city and the square and physical interventions: First Moment 1900 - 1960; Second Moment 1960 - 1990; Third Moment 1990 - 2010; Fourth Moment 2010 - 2023. The drawings presented here are not technical drawings, but allow the effective analysis and understanding of the analysis of the transformations of its morphology and its morphological elements. It could be concluded that, although the square now has a good infrastructure, it is not enough to provide continuous vitality in its space, given the absence of “eyes to the street” and public policies that promote frequent activities, as well as the lack of of more children's playgrounds.

Keywords: Urban Morphology; Square; Urbanity; Patos.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01 - Mapa de localização do objeto de estudo nas escalas estadual, municipal e área de estudo. Fonte: Google Maps, adaptado por Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 02 - Mapa de localização da Praça Edivaldo Motta e principais edificações de seu entorno. Fonte: Google Earth (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 03 - Feira semanal no largo da Igreja Velha, por volta dos anos 1950. Circulado em laranja, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 04 - Desfile cívico próximo ao largo da Igreja Velha, por volta dos anos 1920. Circulado em laranja, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 05 - Batalhão da Polícia Militar (à esquerda) e Casa da Câmara (à direita), por volta dos anos 1920. Fonte: LUCENA, 2022.

IMAGEM 06 - Fonte de água em ruínas, na Praça Edivaldo Motta, por volta dos anos 2000. Fonte: Instagram @patospressao (2023).

IMAGEM 07 - Primeiro momento e primeira etapa da praça, por volta dos anos 1920. Vista 01. Cadeia Pública (em laranja), Colégio Dom Adauto (em amarelo), Batalhão da Polícia Militar (em azul) e Casa da Câmara (em vermelho) Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 08 - Praça da Velha Igreja, por volta dos anos 1920. Vista 02. Fonte: Instagram @patospressao, 2022.

IMAGEM 09 - Colégio Diocesano de Patos, por volta dos anos 1930. Vista 03. Fonte: Instagram @patospressao, 2022.

IMAGEM 10 - Primeiro momento e segunda etapa da praça, por volta dos anos 1940. Vista 01. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (em laranja). Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 11 - Primeiro momento e segunda etapa da praça, por volta dos anos 1920. Vista 02. Ao centro da imagem, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: Instagram @patospressao (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 12 - Segundo momento da praça, por volta dos anos 1960. Vista 01. EEEFMMMV (em laranja), casa do primeiro farmacêutico de Patos (em amarelo) e casa da renomada família Motta (em azul). Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 13 - Segundo momento da praça, por volta dos anos 1960. Vista 02. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (em laranja). Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 14 - Vista 04. Praça da Babilônia, por volta dos anos 1970. Fonte: Instagram @patoscapitaldosertao (2023).

IMAGEM 15 - Vista 01: Fonte moderna na Praça Edivaldo Motta. Fonte: Ana Freire, 2020.

IMAGEM 16 - Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Vista 02: Evento natalino na Praça Edivaldo Motta. Fonte: Instagram @patospressao (2022).

IMAGEM 17 - Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Vista 03: Banca Catedral no espaço ampliado. Fonte: Google Maps (2011).

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 18 - Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Vista 04. Fonte: Google Maps (2011).

IMAGEM 19 - Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Vista 05: Início da arborização na praça. Fonte: Rossevelt Silva, 2010.

IMAGEM 20 - Terceiro momento da praça, por volta dos anos 2000. Vista 06: Mesas e bancos sendo ocupados. Fonte: Rossevelt Silva, 2010.

IMAGEM 21 - Quarto momento da praça, por volta dos anos 2010. Vista aérea da Praça Edivaldo Motta. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (em laranja) e residência da renomada família Motta (em amarelo). Fonte: Desconhecida, adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 22 - Festival de Exposições Culturais (FEXCULT), ocorrido em maio de 2022, na concha acústica. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 23 - Festival de Exposições Culturais (FEXCULT), ocorrido em maio de 2022, na concha acústica. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 24 - Festival de Exposições Culturais (FEXCULT), ocorrido em maio de 2022, na concha acústica. Fachada ativa. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 25 - Festival de Exposições Culturais (FEXCULT), ocorrido em maio de 2022, na concha acústica. Comercialização de pipoca, fomentando o comércio local. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 26 - Evento natalino, ocorrido em dezembro de 2022, na Praça Edivaldo Motta. Vista aérea. Fonte: Instagram @pmpatos (2022).

IMAGEM 27 - Evento de comemoração dos 85 anos da atual EEEFMMMV. Fonte: Acervo da EEEFMMMV (2022).

IMAGEM 28 - Evento de comemoração dos 85 anos da atual EEEFMMMV. Fonte: Acervo da EEEFMMMV (2022).

IMAGEM 29 - Pintura artística na concha acústica da Praça Edivaldo Motta. Fonte: Instagram @patospressao (2022).

IMAGEM 30 - Parques infantis na Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 31 - Parques infantis na Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 32 - Parques infantis na Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 33 - Monumentos na Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 34 - Monumentos na Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 35 - Crianças brincando em um dos monumentos da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 36 - Praça em momento de pouca utilização. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 37 - Pichações nos canteiros da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

IMAGEM 38 - Pichações nos canteiros da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 39 - Vista 1 – Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 40 - Vista 2 – Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 41 - Vista 3 – Concha acústica. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 42 - Vista 4 – Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 43 - Vista 5 – Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 44 - Vista 6 – Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 45 - Vista 7 – Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 46 - Vista 8 – Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 47 - Vista 9 – Banca Catedral. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 48 - Vista 10 – Anexo da Praça Edivaldo Motta. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 49 - Vista 11 – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Manoel Vieira. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 50 - Vista 12 – Instituto Histórico e Geográfico de Patos. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 51 - Vista 13 – Casa da Cidadania. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

IMAGEM 52 - Vista 15 – Secretaria da Cultura de Patos e CREA (PB). Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Arte com azulejos quebrados – Patos. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 02 - Primeiro momento e primeira etapa da praça, por volta dos anos 1900. Fonte: Instagram @patospessao (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 03 - Primeiro momento e segunda etapa da praça, por volta dos anos 1930. Ao centro da imagem, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: Instagram @patospessao (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 04 - Segundo momento da praça, por volta dos anos 1960. Fonte: Instagram @patospessao (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 05 - Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Fonte: Rossevelt Silva (2010), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 06 - Quarto momento da praça, por volta dos anos 2020. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 07 - Arte com azulejos quebrados – Representação de elementos marcantes na formação da cidade de Patos (PB): lagoa dos patos, gado, milho e padroeira da cidade. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 08 - Arte com azulejos quebrados – Representação de elementos marcantes na formação da cidade de Patos (PB): gado, algodão e padroeira da cidade. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 09 - Atividade necessária (1), atividade opcional (2) e atividade social (3), respectivamente. Fonte: Freepik, 2023.

FIGURA 10 - Atratividade da Rua. Fonte: Freepik, 2023.

FIGURA 11 - Lazer para Crianças. Fonte: Freepik, 2023.

FIGURA 12 - Parques Urbanos. Fonte: Freepik, 2023.

FIGURA 13 - Usos das Cidades. Fonte: Freepik, 2023.

FIGURA 14 - Urbanidade. Fonte: Freepik, 2023.

FIGURA 15 - Morfologia Urbana. Fonte: Freepik, 2023.

FIGURA 16 - Elementos Morfológicos. Fonte: Freepik, 2023.

FIGURA 17 - Caminhos (1), Limites (2), Bairros (3), Pontos Nodais (4) e Marcos (5). Fonte: LYNCH (1982).

FIGURA 18 - Arte com azulejos quebrados – Representação da guerra entre portugueses e índios e da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 19 - Mapa de roteiros de penetração na conquista dos sertões paraibanos. Fonte: NDIHR, 1985, p. 32.

FIGURA 20 - Mapa dos Municípios Paraibanos em 1960. Fonte: NDIHR, 1985, p. 38.

FIGURA 21 - Mapa dos Municípios Paraibanos em 1980. Fonte: NDIHR, 1985, p. 39.

FIGURA 22 - Mapa dos Municípios Paraibanos em 1980 | Patos – Polo Urbano Regional. Fonte: NDIHR, 1985, p. 59.

FIGURA 23 - Mapa das Atividades Econômicas. Fonte: NDIHR, 1985, p. 70.

FIGURA 24 - Mapa dos 100 maiores Contribuintes do ICM. Fonte: NDIHR, 1985, p. 79.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 25 - Lagoa dos Patos ao fundo, área da mata onde hoje temos a Praça Edivaldo Mota, por volta dos anos 1900. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 26 - Arte com azulejos quebrados – Homenagem à cidade e trecho do hino patoense. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 27 - Esquema da primeira etapa do primeiro momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 28 - Esquema da primeira etapa do primeiro momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 29 - Esquema da segunda etapa do primeiro momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 30 - Esquema da segunda etapa do primeiro momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 31 - Mulheres conversando na praça, por volta dos anos 1960. Vista 03. Ao fundo, a fonte de água. Fonte: Instagram @patospressao (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 32 - Esquema do segundo momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 33 - Esquema do segundo momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 34 - Esquema do terceiro momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 35 - Esquema do terceiro momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 36 - Esquema do quarto momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 37 - Esquema do quarto momento da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

FIGURA 38 - Evolução dos momentos da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - ... Evolução da Função Social das Praças. Fonte: Robba e Macedo (2010) *apud* Lima (2018), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

QUADRO 02 - Evolução da População Patoense entre os anos 1940 e 2010. Fonte: NDIHR (1985) e IBGE, adaptado por Bruna de Figueiredo (2022).

LISTA DE SIGLAS

EEEFMMMV - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Manoel Vieira

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NDIHR - Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional

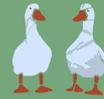
SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	24
2. PERCURSO TEÓRICO.....	29
2.1. A PRAÇA COMO ESPAÇO LIVRE PÚBLICO E URBANIDADE.....	30
2.2. CONCEITOS DA MORFOLOGIA URBANA.....	36
3. PERCURSO HISTÓRICO E SOCIOESPACIAL.....	43
3.1. A CIDADE – PATOS, PARAÍBA.....	45
3.2. A PRAÇA – EDIVALDO MOTTA, CENTRO.....	56
4. PERCURSO TEMPORAL.....	61
4.1. PRIMEIRO MOMENTO (ENTRE 1900 E 1960).....	64
4.2. SEGUNDO MOMENTO (ENTRE 1960 E 1990).....	72
4.3. TERCEIRO MOMENTO (ENTRE 1990 E 2010).....	77
4.4. QUARTO MOMENTO (ENTRE 2010 E 2023).....	82
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
6. REFERÊNCIAS.....	97

1 . INTRODUÇÃO



1. INTRODUÇÃO



Os Espaços Livres Públicos, a exemplo das praças, podem servir de cenário para o desdobramento de inúmeras práticas cotidianas. Historicamente estes espaços serviram a atividades que costumavam estar relacionadas a questões como religião e ciclos econômicos, funcionando como catalisador para o desenvolvimento social (GEHL, 2015).

Atualmente, estas atividades também passaram a contar com outros significados, como o lazer e a contemplação. Além disso, a qualidade delas está diretamente relacionada à estrutura disponível e a dinâmica que se consolida nestes locais, afetando assim, positiva ou negativamente a esfera urbana e social (GEHL, 2015).

Dessa forma, tem-se que os espaços livres públicos são locais de extrema importância para a qualidade de vida nas cidades, uma vez que permitem a ocorrência das trocas sociais, impulsionam as atividades locais e possibilitam a formação e preservação da identidade e da memória por parte dos indivíduos (GEHL, 2015).

Entretanto, apesar da relevância desses locais, nota-se uma desvalorização crescente. Espaços antes repletos de vida e marcados pela história da sua população, encontram-se abandonados, vandalizados e esquecidos pelas autoridades e pelos próprios moradores (GEHL, 2015).

Portanto, considerando o papel dos Espaços Livres Públicos, não apenas para as atividades de socialização e lazer, mas também para a preservação da identidade e memória da cidade, a presente pesquisa tomou como base o trabalho de Ana Carla Lima (2018), adaptando a sua metodologia para o objeto de estudo, a Praça Edivaldo Motta, localizada no centro da cidade de Patos, importante centro regional do sertão da Paraíba.

Por estar localizada na área mais antiga, a Praça tem uma forte relação com o processo de formação da cidade, além de ter desempenhado um papel determinante nos aspectos morfológicos da expansão. Ao longo de sua história, a praça foi designada por diferentes nomenclaturas, fossem elas dadas pelas transformações urbanas pelas quais passou, ou por homenagens a eventos e pessoas históricas (ver imagem 01) (LUCENA, 2022).

1. INTRODUÇÃO



Imagem 01: Mapa de localização do objeto de estudo nas escalas estadual, municipal e objeto de estudo.
Fonte: Google Maps, adaptado por Bruna de Figueiredo (2022).

A primeira denominação da qual se tem conhecimento é Praça da Velha Igreja que data por volta dos anos 1900 a 1960, que após os 100 anos de independência do Brasil, passou também a ser chamada de Praça da Independência nesse primeiro momento. Entre os anos 1960 e 1990, ficou conhecida como Praça da Babilônia, e posteriormente como Praça João Pessoa, por volta de 1990 a 2000. Por fim, foi intitulada de Praça Eivaldo Motta depois dos anos 2000, cuja denominação se dá até os dias atuais (LUCENA, 2022).

Nos dias de hoje a praça enfrenta diversos problemas urbanísticos agravados ao longo dos anos. Nesse processo de desvalorização, a memória da praça e do seu entorno foram se perdendo. Elementos como identidade e pertencimento com este espaço público foram comprometidos, visto que os antigos moradores não frequentam mais o local e os novos moradores não conhecem a sua história.

A falta de iluminação pública adequada e de suficiente mobiliário urbano para crianças, bem como a inexistência de políticas públicas de fomentação do uso da praça, levaram a mesma ao esquecimento da população, que parou de frequentá-la, principalmente no período noturno, o qual era caracterizado pelo vandalismo e pelo uso de drogas.

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar as transformações morfológicas e da praça Eivaldo Motta na cidade de Patos (PB), desde a sua origem até os dias atuais. Por conseguinte, os objetivos específicos deste estudo são:

1. INTRODUÇÃO

1. Identificar e caracterizar os diferentes períodos com transformações morfológicas da praça.
2. Analisar os elementos morfológicos existentes em cada período identificado sendo eles: Praça, Monumento, Árvore e Vegetação e Mobiliário Urbano.
3. Compreender os diferentes usos e funções que a praça foi assumindo ao longo do tempo.

Desse modo, o tema foi escolhido pensando na riqueza que o resgate dos aspectos morfológicos relacionados aos diferentes usos ao longo do tempo e da memória desse espaço público pode proporcionar para a população patoense, no tocante à reconstrução da sua identidade e do seu pertencimento. Assim, as justificativas foram retiradas da experiência pessoal de vida da autora e de sua experimentação da cidade desde a sua infância até os dias atuais, tendo em vista um olhar mais sensível com o intuito de retomar a memória da praça Edivaldo Motta como aporte teórico para conhecimento da população da cidade de Patos (PB).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, o trabalho foi organizado em quatro etapas com seus respectivos procedimentos metodológicos, sendo elas:

Etapa 01: Revisão bibliográfica e levantamento documental

No primeiro momento foram investigados conceitos urbanísticos indispensáveis para o presente trabalho, a exemplo dos espaços livres públicos e da morfologia urbana e de suas dinâmicas. Também foi realizada uma pesquisa para contextualizar histórica e geograficamente a cidade de Patos (PB) e da atual praça Edivaldo Motta.

Etapa 02: Coleta de dados

Foram pesquisadas informações estatísticas, visuais (a partir de registros fotográficos e observação sistemática) e legislativas acerca da história de Patos (PB) e da atual praça Edivaldo Motta. Foram utilizadas como fontes dados do IBGE, arquivos públicos, leis, decretos incidentes, e fotografias, sendo as mesmas analisadas para a realização de possíveis novos registros fotográficos dos mesmos elementos na atualidade.

1. INTRODUÇÃO

Etapa 03: Sistematização e análise dos momentos históricos

Foram analisados os dados obtidos, e feito um mapeamento da morfologia urbana (esquemas temáticos dos elementos morfológicos praça, monumento, árvore e vegetação, e mobiliário urbano, de acordo com a conceituação de Lamas (2004), assim como a produção de diagramas e da linha do tempo de cada um dos cinco momentos históricos da atual praça Edivaldo Motta.

Etapa 04: Conclusão e revisão

Conclusões acerca das mudanças morfológicas e históricas identificadas na cidade de Patos (PB) e na praça Edivaldo Motta, e revisão das correções apresentadas pela pré-banca.

Portanto este trabalho se estrutura através de três capítulos, sendo precedido pela Introdução, que apresenta sua contextualização, apontando o objetivo, os objetos específicos e os procedimentos metodológicos adotados.

O capítulo 2 busca elucidar teoricamente o leitor acerca de temas e conceitos intrinsecamente relacionados e necessários à adequada compreensão do estudo, como espaço livre público, urbanidade e morfologia urbana.

O terceiro situa o leitor a respeito do objeto de estudo, contendo informações geográficas, históricas, econômicas, culturais e sociais, caracterizando a cidade de Patos (PB) e a Praça Edivaldo Motta localizada no bairro Centro da cidade.

Já o quarto capítulo desenvolve um percurso temporal, contemplando as diferentes épocas de acordo com as denominações recebidas pelo objeto de estudo. Apresenta assim, o resultado das análises desenvolvidas quanto às características inerentes aos elementos da morfologia urbana do espaço livre público para cada momento histórico, de acordo com os parâmetros estabelecidos para a pesquisa.

Por fim, são apresentadas as conclusões acerca do estudo realizado, mostrando recomendações para próximos trabalhos voltados para esse tema, e as referências bibliográficas abordadas como base para todo o estudo realizado neste trabalho.

2 . PERCURSO TEÓRICO



2. PERCURSO TEÓRICO



Este capítulo fornece um apanhado teórico de conceitos importantes dentro da temática urbanística que tange esta pesquisa. Traz a tona estudiosos como Jan Gehl (2015), Renato Saboya (2011), Gordon Cullen (1983), Kevin Lynch (1982), Jane Jacobs (2011), José Lamas (2004) e Fabio Robba & Silvio Macedo (2003) a fim de elucidar os leitores para que compreendam o que de fato entende-se por Espaços Livres Públicos, Praças e Urbanidade. Nesse sentido, traz alguns conceitos básicos sobre Morfologia Urbana e aponta a relação que esses elementos apresentam com os usos e as funções.

2.1. A PRAÇA COMO ESPAÇO LIVRE PÚBLICO E URBANIDADE

A praça é objeto de estudo para Robba e Macedo (2003) em sua obra Praças Brasileiras, na qual é apresentada a trajetória evolutiva das praças no Brasil desde o período Colonial até a Contemporaneidade. Destaca-se principalmente o papel que a praça possuiu nesses períodos, evidenciando, quase como um reflexo, o momento histórico e social ao qual estava inserida, seja pelo seu uso ou pelos seus traços arquitetônicos.

De acordo com Robba e Macedo (2003), a gênese das praças estava diretamente relacionada com o forte caráter religioso da época colonial, no qual o espaço público imediato, a “praça” ou o “largo”, funcionava quase como um prolongamento da própria Igreja. Posteriormente, influenciado pelo Ecletismo e pela burguesia europeia, as praças ganharam projetos mais elaborados que valorizavam os jardins e embelezavam os passeios, incitando o caminhar, o convívio, o lazer e a contemplação, ainda que expressassem uma certa hierarquização e segregação social, devido às normas comportamentais exigidas nesses espaços.

Com a modernidade, outras atividades passaram a ser desenvolvidas nas praças, um reflexo da sociedade que agora adensava as áreas urbanizadas e buscava por melhores condições de infraestrutura e bem estar. As praças passaram a agregar variadas finalidades, desde o embelezamento até atividades esportivas e recreativas através da instalação de quadras de esporte, anfiteatros, entre outros.

Já na contemporaneidade, é destacado a multifuncionalidade das praças, as quais agregam os mais variados usos, à exemplo da circulação, passeio, contemplação, recreação, esporte, cultura, lazer, preservação ambiental e uso comercial. Além de

2. PERCURSO TEÓRICO

contarem com diferentes projetos arquitetônicos, enriquecidos com cores e formas diversas. Representando mais uma vez um reflexo da atual sociedade: dinâmica e pluralizada. Vale salientar que muitas praças atualmente passam por uma tentativa de revitalização e resgate histórico, em resposta à desvalorização e ao abandono, que também é fruto da sociedade contemporânea (ver quadro 01).

PERÍODO	COLONIAL	ECLÉTICO	MODERNO	CONTEMPORÂNEO
FUNÇÃO SOCIAL DAS PRAÇAS	Convívio Social Uso Religioso Uso Militar Comércio e Feiras Circulação Recreação	Contemplação Passeio Convívio Social Cenário	Contemplação Recreação Lazer Esportivo Lazer Social Convívio Social Cenário	Contemplação Recreação Lazer Esportivo Lazer Social Convívio Social Cenário Comércio Serviços Circulação

Quadro 01: Evolução da Função Social das Praças.

Fonte: Robba e Macedo (2010) *apud* Lima (2018), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

Jan Gehl (2015), reconhecido arquiteto dinamarquês, cujos estudos abordam a qualidade de vida nas grandes cidades, aponta que as atividades desenvolvidas nos espaços livres públicos podem estar inseridas em três diferentes categorias (ver figura 09):

- 1. Atividades Necessárias:** aquelas desenvolvidas de forma compulsória, associadas às rotinas e obrigações, como se deslocar para a escola, ou para o trabalho.
- 2. Atividades Opcionais:** realizadas quando há um desejo de fazer e condições agradáveis para isso, como caminhar, sentar-se ao sol ou contemplar a natureza em volta.
- 3. Atividades Sociais:** aquelas que dependem da presença de outros nos espaços públicos para serem efetuadas, como crianças brincando na rua, encontros ou conversas com alguém.

2. PERCURSO TEÓRICO

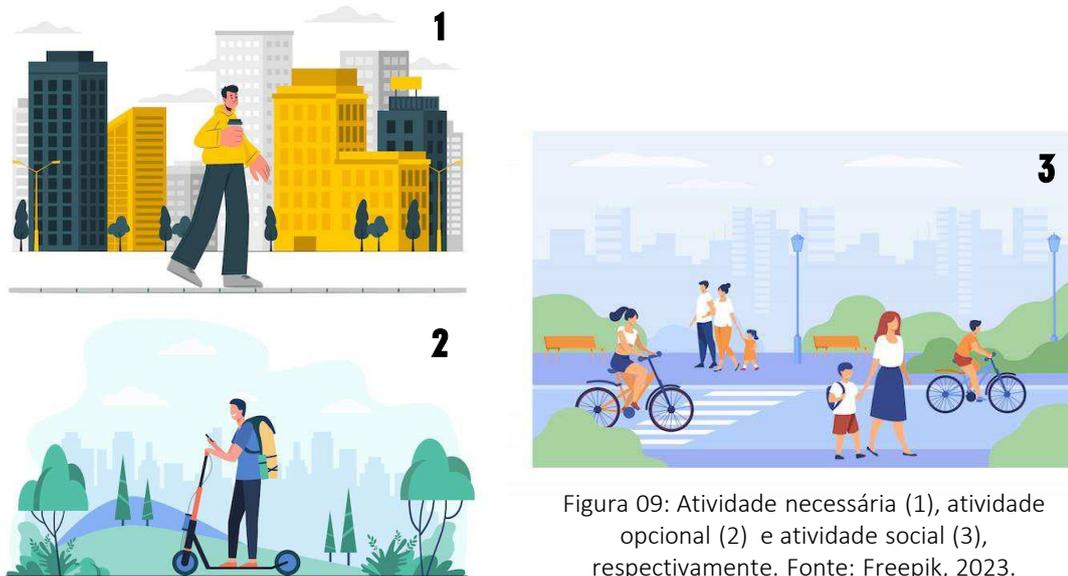


Figura 09: Atividade necessária (1), atividade opcional (2) e atividade social (3), respectivamente. Fonte: Freepik, 2023.

Desse modo, tem-se que, caso o espaço seja convidativo e ofereça boas condições, as Atividades Opcionais e Sociais serão executadas de forma espontânea e em maior quantidade. Tratando-se das praças, é importante que isto de fato ocorra, pois as interações sociais neste tipo de espaço público são comuns e na maioria das vezes contribuem para a sensação de segurança dos indivíduos, assim como para aumentar a vivacidade e a atratividade da cidade.

Portanto, é essencial compreender que os espaços livres públicos, a exemplo das praças e dos parques, são locais destinados à população, geralmente ao ar livre, que compõem a esfera urbana e possibilitam o desenvolvimento de inúmeras atividades com diversos propósitos. Esses locais, quando providos do devido planejamento e investimentos tornam-se um importante fomentador da qualidade de vida nas cidades. Já a urbanidade, visto que é algo tão amplo e disseminado no urbanismo, apresenta diversas visões distintas entre si. Para compreender esse segundo conceito, tomou-se como base os estudos da renomada autora americana Jane Jacobs (2011), e do pesquisador e urbanista brasileiro Renato Saboya (2011).

Jane Jacobs (2011) foi uma entusiasta política, escritora e crítica de arquitetura e urbanismo, nascida nos Estados Unidos da América. Seus principais estudos giraram em torno do planejamento urbano das cidades. Em sua obra “Morte e vidas de grandes cidades”, publicada em 1961, ela critica o urbanismo modernista daquela época, enfatizando a falta de segurança e a baixa qualidade de vida da população. Para isso, ela

2. PERCURSO TEÓRICO

defende amplamente alguns parâmetros essenciais da qualidade do urbanismo: Atratividade da Rua (ver figura 10); Lazer para as Crianças (ver figura 11); Parques Urbanos (ver figura 12); e Usos das Cidades (ver figura 13).



Figura 10: Atratividade da Rua. Fonte: Freepik, 2023.



Figura 11: Lazer para as Crianças. Fonte: Freepik, 2023.

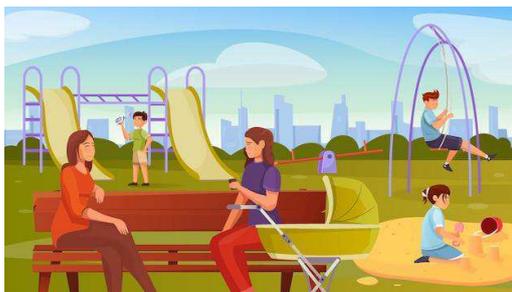


Figura 12: Parques Urbanos. Fonte: Freepik, 2023.



Figura 13: Usos das Cidades. Fonte: Freepik, 2023.

Para Jacobs (2011), a Atratividade da Rua diz respeito à possibilidade das ruas atraírem o interesse das pessoas que moram ou trabalham nela, para que dessa forma a rua se torne constantemente “vigiada”, transformando essas pessoas nos “olhos da rua” e assim otimizando a sensação de segurança do espaço público. Para isso, também é indispensável que as ruas sejam ocupadas, ou seja, que haja fluxo de pessoas e atividades ocorrendo a todo momento.

“As ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades. [...] Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona. [...] Contudo, as calçadas e aqueles que as usam não são beneficiários passivos da segurança ou vítimas indefesas do perigo. As calçadas, os usos que as limitam e seus usuários são protagonistas ativos do drama urbano da civilização versus a barbárie. Manter a segurança urbana é uma função fundamental das ruas das cidades e suas calçadas.” (JACOBS, 2011, p. 30)

2. PERCURSO TEÓRICO

O Lazer para Crianças é outro aspecto que Jacobs (2011) defende, afirmando que oferecer a possibilidade de lazer para essa faixa-etária favorece invariavelmente as ruas. Contudo, é necessário atentar-se às condições de segurança e salubridade dos playgrounds, que podem acabar por incentivar a violência e os delitos juvenis.

“Nem todos os playgrounds e os parques são perigosos ou têm vigilância insuficiente (...). Porém, os que são saudáveis normalmente se situam em vizinhanças de ruas movimentadas e seguras e onde prevalece nas calçadas um forte espírito de vida pública civilizada. Sejam quais forem as diferenças de segurança e salubridade que existam entre os playgrounds e as calçadas de qualquer local, elas invariavelmente favorecem as tão difamadas ruas.” (JACOBS, 2011, p. 62)

Os Parques Urbanos são sem dúvida uma opção agradável e acessível de lazer, saúde e repouso para a população. Eles podem agregar uma variedade imensa de usos e atratividades em bairros movimentados. Entretanto, não é difícil observar áreas livres públicas esvaziadas e sem uso definido em bairros monótonos. Isso acontece, pois na visão de Jacobs (2011) é através da validação e utilização por parte das pessoas que essas áreas ganham vida e servem aos seus propósitos.

“Os parques de bairro ou espaços similares são comumente considerados uma dádiva conferida à população carente das cidades. Vamos virar esse raciocínio do avesso e imaginar os parques urbanos como locais carentes que precisem da dádiva da vida e da aprovação conferida a eles. Isso está mais de acordo com a realidade, pois as pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso.” (JACOBS, 2011, p. 69)

Esse segundo caso, de acordo com Jacobs (2011), compromete a urbanidade como um todo: “[...] as ruas que os margeiam ganham fama de perigosas e são evitadas. Além do mais, os parques de pouco uso e seus equipamentos são alvo de vandalismo, o que é bem diferente do desgaste por uso.” (JACOBS, 2011, p. 72). Dessa forma, os “parques impopulares” acarretam desperdícios e perdas de oportunidades. Todavia, é importante lembrar que o correto planejamento arquitetônico é uma peça chave na hora de conceber esses espaços abertos, podendo conferir aos mesmos maiores possibilidades de sucesso.

“Certos traços do projeto podem também fazer diferença. Se o objetivo de um parque urbano de uso genérico e comum é atrair o maior número de tipos de pessoas, com os mais variados horários, interesses e propósitos, é claro que o projeto do parque deve promover essa generalização de frequência, em vez de atuar em sentido contrário. Parques muito usados como áreas públicas genéricas costumam incluir quatro elementos em seu projeto, que eu identificaria como complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial.” (JACOBS, 2011, p. 77)

2. PERCURSO TEÓRICO

Jacobs (2011) ainda aponta que os usos presentes nas cidades devem ser os mais variados possíveis, ocorrendo de forma agrupada em todos os bairros e ruas, como uma espécie de “subcidade” que contempla residências, comércios, serviços e lazer. Isso se deve ao fato de que a variedade de usos proporciona uma constante movimentação das ruas e por consequência torna elas atrativas e seguras, além de facilitar a dinâmica urbana e acesso a serviços e usos diversos.

“Se as únicas formas de bairro que demonstram ter funcionalidade proveitosa para a autogestão na vida real são a cidade como um todo, as ruas e os distritos, então o planejamento físico de bairros eficientes deve almejar as seguintes metas: Primeira, fomentar ruas vivas e atraentes. Segunda, fazer com que o tecido dessas ruas forme uma malha o mais contínua possível por todo um distrito que possua o tamanho e o poder necessário para constituir uma subcidade em potencial. Terceira, fazer com que parques, praças e edifícios públicos integrem esse tecido de ruas; utilizá-los para intensificar e alinhar a complexidade e a multiplicidade de usos desse tecido. Eles não devem ser usados para isolar usos diferentes ou isolar subdistritos.” (JACOBS, 2011, p. 94)

Saboya (2011), em seus estudos, também formula critérios indispensáveis para que a urbanidade seja atribuída aos espaços livres públicos, ele os denomina de “dimensões” do conceito de urbanidade, as quais são mencionadas a seguir:

“1. Muitas pessoas utilizando os espaços públicos, especialmente as calçadas, parques e praças; 2. Diversidade de perfis, interesses, atividades, idades, classes sociais; 3. Alta interação entre os espaços abertos públicos e os espaços fechados, tais como: a. pessoas entrando e saindo das edificações (o que é desempenhado especialmente bem pelo comércio de pequeno porte – grandes equipamentos tendem a interiorizar essas interações, tal como acontece nos shoppings e nos grandes magazines); b. mesas nas calçadas; c. contato visual dos andares superiores através de janelas (paredes cegas são um veneno para a Urbanidade); 4. Diversidade de modos de transporte e deslocamento (pedestres principalmente, mas também ciclistas, automóveis, ônibus, trens, etc.); 5. Pessoas interagindo em grupos, o que requer espaços que apoiem essas atividades, como bancos, mesas, áreas sombreadas, etc.); 6. Traços da vida cotidiana (crianças indo à escola, pessoas comprando o jornal, indo à mercearia, fazendo compras).” (SABOYA, 2011, s/p)

Saboya (2011) ainda ressalta que a presença de traços da vida cotidiana é essencial uma vez que:

“Cidades eminentemente turísticas têm milhares de pessoas nas ruas, mas a sensação pode ser a de um museu a céu aberto se não houver traços da vida cotidiana. Quando todos são turistas, não parece haver urbanidade real, apenas movimento de pessoas.” (SABOYA, 2011, s/p)

2. PERCURSO TEÓRICO

Tendo em vista o que foi apresentado, a urbanidade será aqui entendida como um importante “selo” de qualidade dos espaços públicos, e que envolve alguns critérios que dependem de diversos fatores, relacionados tanto aos aspectos físicos tal qual a estrutura disponível nos espaços públicos assim como aos aspectos subjetivos relacionados ao uso e dinâmica social (ver figura 14).



Figura 14: Urbanidade. Fonte: Freepik, 2023.

De tal maneira, compreende-se como uma importante etapa deste estudo o processo de perceber e analisar as diferentes formas que a praça Edivaldo Motta assumiu durante o decorrer do tempo, relacionando os elementos morfológicos percebidos a cada contexto histórico analisado, assim como seus respectivos usos e impactos na dinâmica social.

2.2. CONCEITOS DA MORFOLOGIA URBANA

Como ponto de partida para o conhecimento da Morfologia Urbana, buscou-se embasamento nos estudos de José Lamas (2004), Gordon Cullen (1983) e Kevin Lynch (1982). Lamas (2004) afirma que a Morfologia Urbana consiste no estudo das formas, dos aspectos externos do meio urbano e das suas relações mútuas, que determina e esclarece a paisagem urbana e a sua estrutura. Em sua obra amplamente utilizada em cursos de arquitetura e urbanismo “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade” ele caracteriza a Forma Urbana e discorre sobre os Elementos Morfológicos que compõem o espaço urbano.

2. PERCURSO TEÓRICO

Com relação à Forma Urbana, a mesma pode ser compreendida como a configuração ou aparência exterior. É o meio urbano como arquitetura, ou seja, é uma consequência da organização dos elementos morfológicos no espaço urbano, que por sua vez é dividido, por Lamas (2004), em quatro tópicos (ver figura 15):

1. **Funcional:** uso do solo urbano e atividades humanas;
2. **Qualitativo:** conforto e comodidade do espaço;
3. **Quantitativo:** volumes, densidades e coeficientes;
4. **Figurativo:** paisagem, imagem e estética;



Figura 15: Morfologia Urbana. Fonte: Freepik, 2023.

Já os Elementos Morfológicos são os componentes integrantes da forma urbana. Eles são analisados a partir do seu contexto e da sua escala de leitura à exemplo da rua, que é formada por edifícios, fachadas, planos marginais, árvores, vegetação, e pelo mobiliário urbano; do bairro, constituído pelos traçados e praças, lotes, logradouros, quarteirões, monumentos, jardins e áreas verdes; e da cidade, que compreende as grandes estruturas viárias, as zonas verdes, relações com a geografia, e estruturas físicas da paisagem. Lamas (2004) ainda aprofunda a sua definição dos seguintes elementos (ver figura 16):

- **Edifício:** é elemento mínimo da forma urbana, ou seja, gerador dos demais componentes;
- **Lote:** é a parte do solo ocupada pelo edifício, definidor da urbanização, da divisão e da distinção entre espaços públicos e privados;
- **Quarteirão:** é o espaço delimitado por três ou mais vias, dividido em lotes que terão edifícios agrupados entre si;

2. PERCURSO TEÓRICO

- **Fachada:** é a relação direta entre edifício e espaço urbano que comunica com o exterior, apresentando característica funcional e linguística;
- **Logradouro:** é o espaço privado não edificado no lote que possibilita a evolução da malha urbana;
- **Traçado e Rua:** é o elemento permanente e quase sem possibilidade de mudanças urbanas que é dividido em hierarquias;
- **Praça:** é o ponto de encontro e permanência desenhados para exercer essa função;
- **Monumento:** são marcos da paisagem, podem ou não possuir funções, podendo ser edificações com valores sociais e culturais, ou centros urbanos completos;
- **Árvore e Vegetação:** são elementos que apresentam imagem própria e fortalecem aspectos qualitativos, podendo ter hierarquia e condicionar o traçado;
- **Mobiliário Urbano:** é exclusivamente monofuncional ou pequenas construções, que qualificam o espaço público.



Figura 16: Elementos Morfológicos. Fonte: Freepik, 2023.

2. PERCURSO TEÓRICO

Em meados dos anos 1950 e 1960, os urbanistas Gordon Cullen (1983) e Kevin Lynch (1982) contribuíram com estudos acerca da forma e da percepção do espaço urbano. As suas abordagens podem, contudo, serem utilizadas atualmente como base para diversos estudos nessa temática devido à relevância das suas pesquisas para a compreensão dos espaços públicos.

Gordon Cullen (1983), em sua obra *“Townscape”* ou como é conhecida na língua portuguesa *“Paisagem Urbana”*, traz um olhar mais subjetivo para a análise das cidades e do espaço urbano. Cullen (1983, s/p) afirma que “[...] uma cidade é algo mais do que o somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas.”. O arquiteto e urbanista Roberto Sabatella Adam (2008), ao analisar o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen, afirma que:

“[...] paisagem urbana é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. Esse conceito de paisagem, elaborado nos anos 1960, exerce forte influência em arquitetos e urbanistas exatamente porque possibilita análises sequenciais e dinâmicas da paisagem a partir de premissas estéticas, isto é, quando os elementos e jogos urbanos provocam impactos de ordem emocional.” (ADAM, 2008, p. 63)

Com isso ele ressalta a importância dos relacionamentos desenvolvidos na vida em comunidade, o que leva as pessoas a participarem de forma mais emotiva do cotidiano, acarretando benefícios para o meio ambiente. O olhar de Cullen (1983) sobre o espaço urbano parte do reconhecimento do ser humano como uma peça primordial, levando em conta suas necessidades, percepções e emoções.

“[...] Existe, sem dúvida alguma, uma arte do relacionamento, tal como existe uma arte arquitetônica. O seu objetivo é a reunião dos elementos que concorrem para a criação de um ambiente, desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza, enfim, e entretecendo esses elementos de maneira a despertarem emoção ou interesse. Uma cidade é antes do mais uma ocorrência emocionante no meio-ambiente.” (CULLEN, 1983, s/p)

Dessa maneira, Cullen (1983) entende que a descrição dos elementos formadores da paisagem urbana pode ser obtida a partir das emoções ou dos interesses despertados nos indivíduos. Portanto o indivíduo torna-se capaz de processar os elementos urbanos através das suas próprias percepções e emoções, tal qual um relato

2. PERCURSO TEÓRICO

ao caminhar pela cidade. De tal forma, o autor estabeleceu três categorias indispensáveis para entender como os indivíduos podem processar o espaço urbano ao seu redor. São elas, de acordo com Ricardo Lopes e Josielle Rocha (2020):

“Ótica: obtida pela visão serial, é formada por percepções sequenciais da visão em movimento nos espaços urbanos. A paisagem urbana pode ser captada a partir de descobertas e experimentação do ambiente urbano; Local: diz respeito às forças emotivas do espaço e possíveis apropriações das pessoas em determinados locais. Esta categoria está relacionada às reações do indivíduo de acordo com seu senso de localização; Conteúdo: qualidades da paisagem relacionadas com a constituição da cidade: cores, texturas, escalas, estilos, tempos, natureza, personalidade e elementos que a individualiza e caracterizam estilos e setores da malha urbana.” (LOPES e ROCHA, 2020)

Kevin Lynch (1982), em seu renomado livro “A Imagem da Cidade”, publicado nos anos 1960, no qual ele analisa três cidades norte-americanas (Boston, New Jersey e Los Angeles), também aborda os aspectos da percepção por parte das pessoas em relação aos elementos que constituem as cidades. Para Lynch (1982) era importante compreender, além da percepção, a maneira com que as pessoas elaboravam a imagem que elas tinham da cidade e como se localizavam.

Lynch (1982) determinou que para compor essa assimilação imagética da cidade, as pessoas usam alguns elementos como base: os caminhos, os limites, os bairros, os pontos nodais e os marcos (ver figura 17).



Figura 17: Caminhos (1), Limites (2), Bairros (3), Pontos Nodais (4) e Marcos (5).
Fonte: LYNCH (1982).

Os caminhos são, segundo o autor, “canais ao longo dos quais o observador costumeiramente, ocasionalmente, ou potencialmente se move. Podem ser ruas, calçadas, linhas de trânsito, canais, estradas-de-ferro” (LYNCH, 1982, p. 47).

Já os limites podem ser entendidos como quebras na continuidade urbana, que dificultam a circulação, ou também como barreiras, a exemplo de estradas, viadutos, praias, margens de rio, lagos, muros, vazios urbanos, morros, vias entre outros.

2. PERCURSO TEÓRICO

Os bairros são “partes razoavelmente grandes da cidade na qual o observador “entra”, e que são percebidas como possuindo alguma característica comum, identificadora.” (LYNCH, 1982, p. 66). Essas características em comum seguem um critério visual e não administrativo, como é comum no Brasil. Elas podem ser texturas, espaços, formas, detalhes, símbolos, tipos de edificação, usos, atividades, habitantes, grau de conservação, topografia e outros.

Já os pontos nodais são pontos estratégicos da cidade, são como “nós” onde as pessoas chegam e vão embora. Podem ser pontos de convergência do sistema de transporte como estações de metrô ou terminais de ônibus. Ainda são exemplos de pontos nodais as praças, bairros e centros comerciais.

Os marcos são em sua maioria objetos físicos que se destacam na paisagem, são diferentes, ou pelo seu tamanho, ou pelo contraste que ocasionam, como torres, edifícios, esculturas.

Vale ressaltar, no entanto, que Lynch (1982) afirma que a “imagem” do espaço urbano só pode ser formada ao longo do tempo, uma vez que não é possível assimilar uma cidade inteira de uma só vez. Ele também aponta que os elementos, por mais semelhantes que sejam, adquirem significados diversos de acordo com o contexto em que estão inseridos, ou seja, nenhum elemento é compreendido isoladamente do seu entorno.

“Imageabilidade é a qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis.” (LYNCH, 1982, p. 9)

Dessa forma a Legibilidade e a Imageabilidade são conceitos que se relacionam nos estudos de Lynch (1982), de tal forma que: a capacidade de reconhecer e organizar os elementos da cidade é favorecida através das imagens “fortes” que ficam impregnadas no imaginário das pessoas, contribuindo para uma assimilação imagética mais clara. De acordo com o autor, “uma cidade com imageabilidade (aparente, legível, ou visível), nesse sentido, seria bem formada, distinta, memorável; convidaria os olhos e ouvidos a uma maior atenção e participação” (LYNCH, 1982, p. 10).

2. PERCURSO TEÓRICO

O imaginário coletivo é algo conhecido por todos, mas Lynch (1982) também destaca que é necessário ter cuidado pois nem tudo pode ser generalizado. Ele não se prende apenas aos aspectos físicos e visíveis para determinar a imagem da cidade, ele afirma que essas “imagens” são únicas para cada cidadão, já que cada elemento pode estar associado a memórias e significados próprios da vivência de cada pessoa.

Para esta pesquisa optou-se por adotar os conceitos definidos por Lamas (1982), a fim de sistematizar as análises que se seguem acerca da morfologia da Praça Edivaldo Motta e sua interface com o entorno imediato ao longo dos anos. Contudo, não serão desconsiderados os aspectos defendidos por Cullen (1983) e Lynch (1982) que foram apresentados acima, uma vez que a percepção da cidade e o imaginário da população constitui um importante panorama no que tange o viés da memória e da identidade local.

É importante frisar que na história da cidade de Patos, o espaço público que hoje constitui o objeto de estudo desta pesquisa, possui importantes marcos e acontecimentos que denotaram diversos significados para a população de acordo com a época. Tudo isso contribuiu para a construção da memória da praça, assim como da cidade. Essas características que foram sendo impressas no imaginário da população sofreram influências da forma que o espaço passou a possuir de acordo com as mudanças que se sucederam. Portanto, a memória e a identidade do local estão intimamente ligadas às características morfológicas que o espaço possuiu ao longo dos anos.

3. PERCURSO HISTÓRICO E SOCIOESPACIAL



Figura 18: Arte com azulejos quebrados – Representação da guerra entre portugueses e índios e da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).



3. PERCURSO HISTÓRICO



Este capítulo busca contextualizar os leitores sobre a história da cidade de Patos (PB), abordando as origens e os processos que contribuíram para a sua formação e expansão, que foram de cunho religioso e econômico. Aborda também a evolução do espaço livre público, atualmente, denominada praça Edivaldo Motta, localizada no bairro Centro, objeto de estudo deste trabalho. Com isso, as transformações urbanas e sociais de Patos serão apresentadas de modo a resgatar a memória da cidade que, por muitas pessoas, ou foi esquecida, ou não se tem conhecimento, mas cabe ser ressaltada devido a sua importância na história do estado da Paraíba.

3.1. A CIDADE – PATOS, PARAÍBA

Para entender a cidade é necessário conhecer a sua história. Tratando-se da cidade de Patos, localizada no estado da Paraíba, não é diferente. Foram tomados como base os estudos presentes nos livros “História de Patos” (NDIHR, 1985)¹ e “Patos de todos os tempos” (LUCENA, 2022).

A origem do processo de ocupação e formação se deu a partir da conquista das terras dos Cariris, que habitavam as bacias dos rios Paraíba, Peixe e Jaguaribe. Bem antes dos portugueses chegarem ao Brasil em 1500, os Potiguaras, povo indígena, migraram do sul da Paraíba para o seu litoral, onde ficavam as terras dos índios Cariris. Eles invadiram esta área e os atacaram, assim, os Cariris fugiram do litoral do Cariri do Paraíba para outras localidades circunvizinhas (NDIHR, 1985, p. 15).

No decorrer dos séculos, o centro básico dos Cariris passou por desmembramentos, gerando grupos que se distanciaram entre si e se isolaram da *taba mãe*. As tribos descendentes dos Cariris originais foram: Ariús, Sucurus, Boiaçus, Bultrins (estas se fixaram na chapada da Borborema), Pegas, Panatis (estas se fixaram na ribeira das Espinharas, onde atualmente se encontra a cidade de Patos), Coremas (esta fixou no curso do rio Piancó) e Icós (esta fixou do curso do rio do Peixe ao Médio Jaguaribe) (NDIHR, 1985, p. 16).

As tribos dos índios Cariris que se fixaram no Planalto da Borborema guerrearam com os brancos, por volta do século XVII, quando os Oliveira Ledo invadiram a área.

(1) Contexto da obra “História de Patos”, nota de rodapé: Iniciativa das Secretarias de Cultura, Educação, Planejamento e Comissão do IV Centenário com o apoio financeiro do Fundo de Assistência ao Educando (FAE), do Ministério da Educação; Publicação dedicada aos quatrocentos anos da Paraíba, que fornece subsídios para o ensino da história do município de Patos.

3. PERCURSO HISTÓRICO

Estes eram de uma família formada por ricos fazendeiros, e migraram do sul para a Paraíba com a missão de conquista e colonização da mesma. O gratificante mercado de açúcar, por conta da terra fértil, e as pastagens para criação de gado os detiveram na faixa costeira. Dessa forma, ao mesmo tempo que expandiram a economia agropecuária, subordinaram os índios aos seus interesses próprios (NDIHR, 1985, p. 16).

Após uma fase de muitos conflitos e disputas pelo território, de 1670 a aproximadamente 1722 e, a guerra só teve fim com a concordância no encerramento da luta por meio de um acordo de paz entre os colonizadores e os índios, iniciando-se a fase da construção da soberania dos colonizadores, que perpetuaram a sua civilização nos sertões paraibanos (NDIHR, 1985, p. 22). Nas Espinharas foram fixadas fazendas de gado da família Oliveira Ledo (ver figura 19). Segundo NDIHR, temos que:

“[...] João Pereira de Oliveira, neto de Antonio Pereira de Oliveira, da Fazenda Farinha, termo das Espinharas, adquirida por seu pai, conforme sesmaria de 1670, assinada por Alexandre de Souza Ribeiro, Capitão Mor e Guerra do Estado do Brasil, vendeu-se ao Coronel Domingos Dias Antunes. Era seu contemporâneo, o Sargento Mor José Gomes Farias, proprietário de Itatinga ou Pedra Branca, limite da Farinha, vendida depois ao mesmo Domingos Antunes. Por morte de Dias Antunes, suas vastas propriedades foram inventariadas com os seus filhos - Antonio Dias Antunes e Mariana Dias Antunes, esposa de João Gomes de Melo. Antonio Dias Antunes vendeu sua herança ao Capitão Paulo Mendes de Figueiredo, já morador na Fazenda Patos.” (NDIHR, 1985, p. 29)

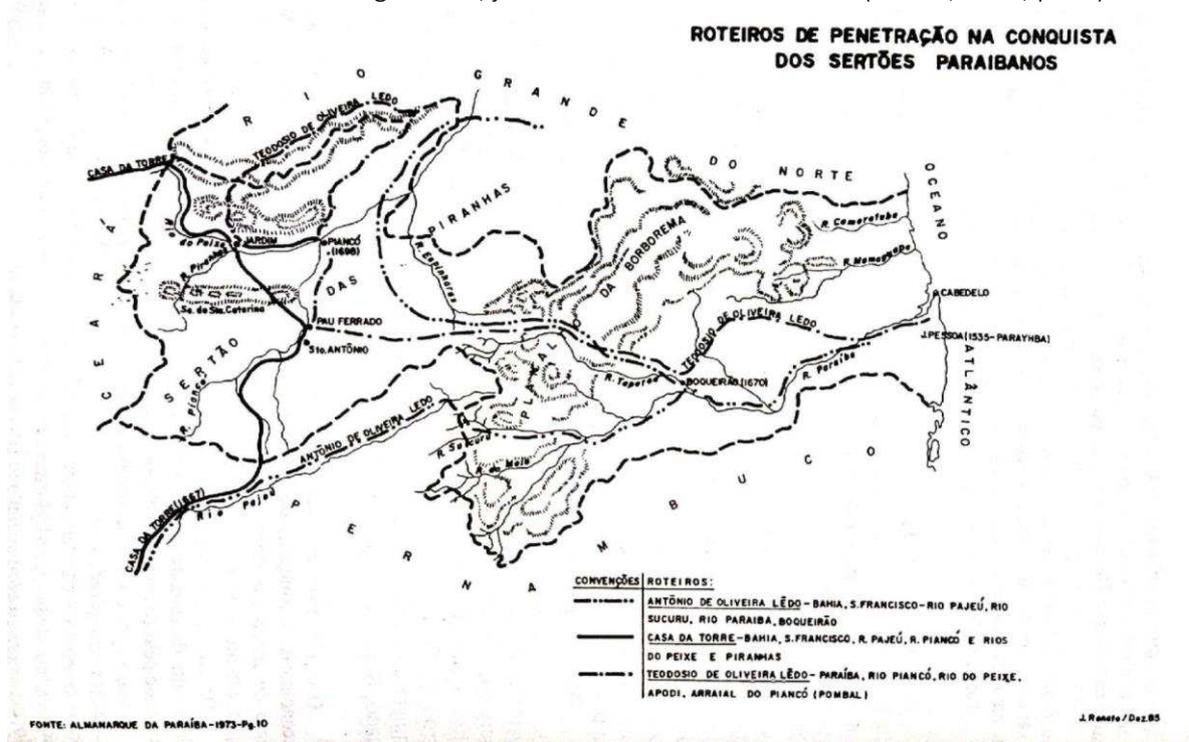


Figura 19: Mapa de roteiros de penetração na conquista dos sertões paraibanos. Fonte: NDIHR, 1985, p. 32.

3. PERCURSO HISTÓRICO

Os colonizadores tinham como objetivo a criação de um povoado ao redor de uma pequena igreja em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Assim, doaram dinheiro e terras para o patrimônio da Capela Nossa Senhora da Conceição. Em 1772, foi iniciada a construção de Patos, tendo como pilares a fé e o civismo. A princípio foi erguida a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e, em seguida, convergiram pessoas de vários níveis sociais, desde camponeses a mentores da administração local. O número de moradores foi aumentando, assim como o território de Patos, movido pela religião católica, representada pela Nossa Senhora da Conceição (NDIHR, 1985, p. 29).

Além da questão religiosa, outro ponto importante na história da cidade de Patos foi a questão econômica, importante fator determinante para as dinâmicas socioespaciais ao longo do tempo, conforme evidenciado a seguir.

“O quadro mais importante, porém, é o da instalação e expansão das atividades econômicas. A conquista do território era movida pela procura das suas riquezas. No caso do sertão paraibano a criação de gado era o lucro que se obtinha, e a ele, freqüentemente, se acrescentava o próprio índio, vendido como escravo.” (NDIHR, 1985, p. 31).

Também fala que “Os currais que surgiam no interior se explicavam, por sua vez, pelas necessidades da cultura da cana-de-açúcar que se organizava no litoral (o que explicava também o interesse pelo índio como mão-de-obra).” (NDIHR, 1985, p. 31). Dessa forma, vemos que a expansão da colonização portuguesa na Paraíba desalojou, exterminou e/ou assimilou os povos indígenas que lá habitavam.

Aponta-se então para três fatores importantes no desenvolvimento de Patos: a política, a economia e a vida social. A seguir são apresentados cada um destes aspectos. Com relação à política, evidencia-se sua estreita relação com o aspecto religioso.

“O primeiro elemento de autonomia municipal, Patos obteve ainda no século XVIII em virtude da provisão régia de 6 de outubro de 1788 que elevou a capela N. S. da Guia à condição de freguesia, isso porque é preciso lembrar, que nessa época, as administrações: civil e religiosa eram ligadas, de modo que a autonomia no campo eclesiástico representava, em certa medida, uma relativa independência.”. (NDIHR, 1985, p. 35)

Temos que Patos se tornou vila por meio da emancipação em 1833, bem como deixou de ser submetido à Tutela de Pombal desde a sua fundação em 1772 e, em 1875 foi criada a Comarca de Patos. Apenas em 24 de outubro de 1903, o Desembargador Presidente José Peregrino de Araújo, por meio da Lei Estadual nº 200, promoveu Patos à condição de cidade (NDIHR, 1985, p. 36).

3. PERCURSO HISTÓRICO

No começo, a cidade de Patos apresentava dois distritos, Patos e Passagem. Porém, em 1960, passou por mudanças e foi convertido em oito distritos, eram eles: Patos, Passagem, Cacimba de Areia, Salgadinho, São José de Espinharas, São José do Bonfim, Quixaba e Santa Terezinha. Atualmente voltaram a ser apenas dois distritos, o de Patos e o de Santa Gertrudes (ver figuras 20 e 21) (NDIHR, 1985, p. 37).



Figura 20: Mapa dos Municípios Paraibanos em 1960.
Fonte: NDIHR, 1985, p. 38.

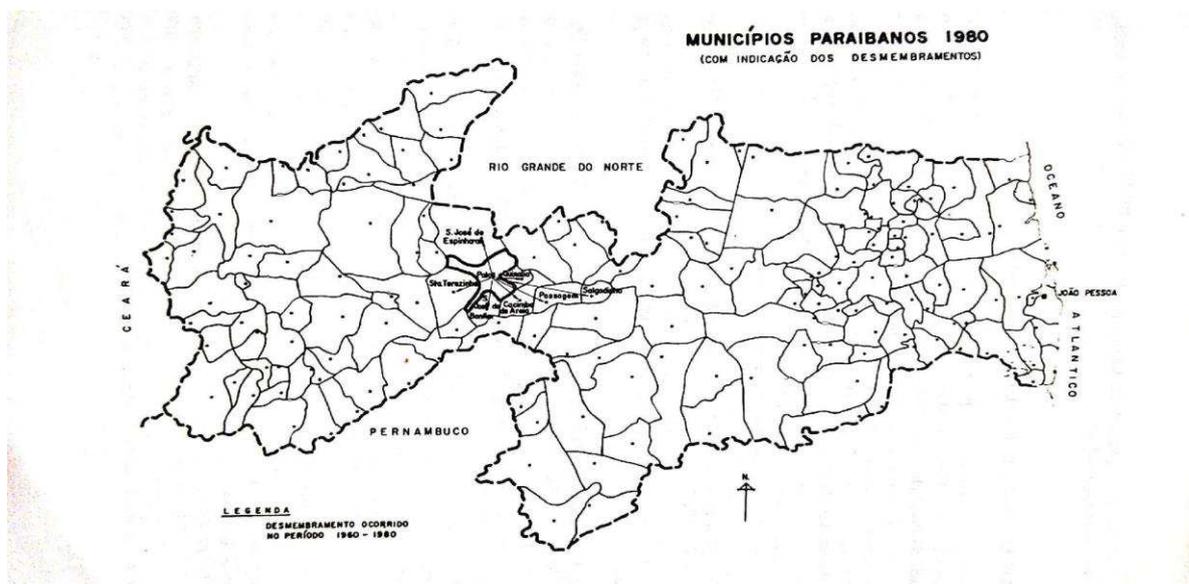


Figura 21: Mapa dos Municípios Paraibanos em 1980.
Fonte: NDIHR, 1985, p. 39.

3. PERCURSO HISTÓRICO

Por fim, foi visto que Patos passou por uma transição do coronelismo à república e, com isso, fez com que a cidade virasse um centro polarizador devido às suas condições socioeconômicas, política e geográfica, exercendo influência direta ou indireta sobre várias cidades, evidenciadas na figura abaixo (ver figura 22).

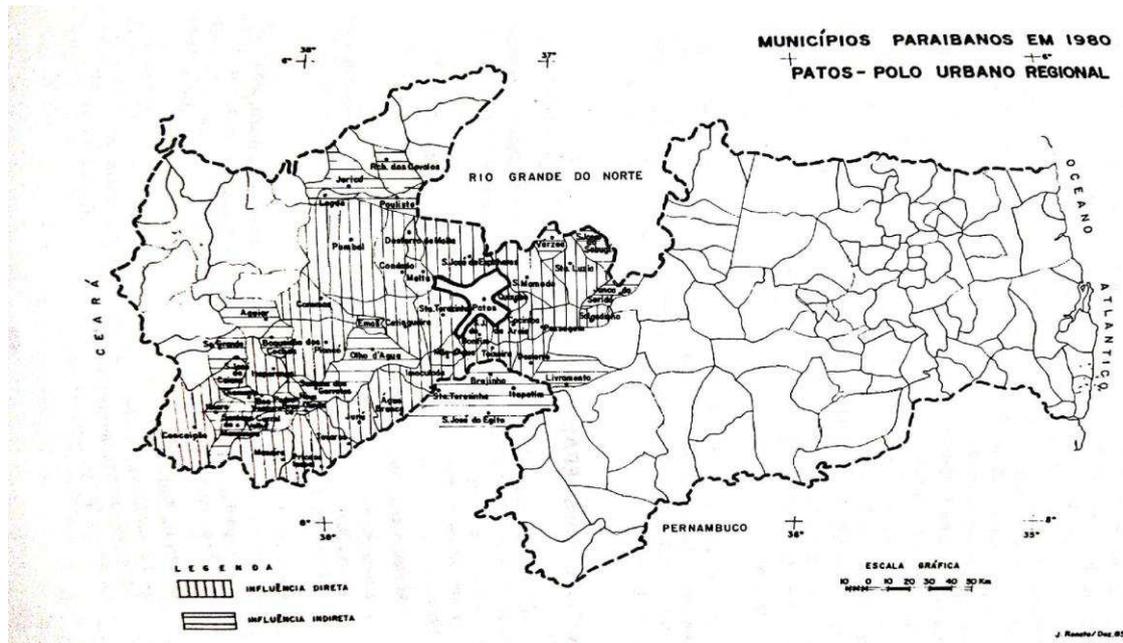


Figura 22: Mapa dos Municípios Paraibanos em 1980 | Patos – Polo Urbano Regional.
Fonte: NDIHR, 1985, p. 59.

Agora, para finalizar a compreensão da cidade e de sua evolução como um todo, serão abordados mais a fundo aspectos importantes como a economia e a vida social. Inicialmente, a economia patoense foi representada pela pecuária, pelo algodão e pelas atividades industriais, passando por tempos marcantes de secas. Em Patos, o elemento civilizador foi representado pela pecuária, dela partiu a povoação, iniciada pelo curral, seguida do rancho, do armazém, da casa de fazenda, da capela e da moradia do vaqueiro. A pecuária era conectada à agricultura e competia com um terço ou mais das rendas paraibanas. Em 1931, foi originada a feira de gado, bastante movimentada e concorrida, transformando Patos em polo nucleado e tendo como principal rebanho o bovino (representando 91% do total) (NDIHR, 1985).

“[...] na região onde se situa a cidade de Patos, [...] predomina a grande propriedade, com a criação do gado [...], sendo exclusiva ao dono do estabelecimento, enquanto os agregados cultivam, em sistema de parceria, o algodão arbóreo em consórcio com o milho e o feijão.” (NDIHR, 1985, p. 68).

3. PERCURSO HISTÓRICO

Contudo, a exploração era extensiva e não especializada, acarretando em baixa produtividade, que consistiu no maior fator limitativo do desenvolvimento da pecuária (NDIHR, 1985).

“[...] no século XIX [...] o algodão tomou caráter de “ouro branco”, passando o peso maior na balança econômica e nas rendas orçamentárias [...]. O cultivo e o beneficiamento de algodão processavam-se contudo de maneira muito rudimentar, o que não impediu, porém que a cultura algodoeira se desenvolvesse tornando-se a Paraíba um dos principais produtores brasileiros e Patos um dos mais importantes produtores paraibanos.” (NDIHR, 1985, p. 69-71).

Embora todo o destaque paraibano na cultura algodoeira, a mesma foi ameaçada pela lagarta rosada, pela crise do transporte e pela concorrência do Sul. Esta se destacou na sua policultura, sendo responsável pelo abastecimento das indústrias brasileiras e pela exportação, tirando, em 1950, Patos da categoria de um dos maiores produtores paraibanos (NDIHR, 1985).

Tratando das atividades industriais, temos que foi desenvolvida principalmente por conta da produção algodoeira e, tinha como mais poderosas organizações industriais parceiras a Anderson Clayton & Cia LTDA e a SANBRA. Elas foram instaladas em Patos no ano de 1936 e responsáveis pelo crescimento industrial na cidade. Em 1954, Patos teve destaque como sendo o primeiro produtor oiticica e o maior produtor de óleo de babaçu da Paraíba. Na década de 60, Patos foi referência nacional:

“A cidade de Patos passava a ser referência para o Brasil no beneficiamento, prensagem e exportação de algodão; fábrica de óleos vegetais, saboaria e refinaria; fabricação de torta, além de diversos tipos de rações, com preços acessíveis, o que também projetou à pecuária e culturas paralelas a exemplo do milho e feijão.” (LUCENA, 2022, p. 401)

Segundo dados do IBGE, em 1970, o município em questão abrangeu um total de 97 indústrias. Somado a isso, o setor têxtil representava 63% do valor total de rendimento na área industrial, seguido pelos produtos alimentares, de mobiliário e de vestuário, calçados e artefatos de tecidos. Assim, em 1974 a quantidade de indústrias em Patos passou de 97 para 151. Em 1980, as atividades das grandes empresas em Patos foram encerradas (ver figuras 23 e 24) (NDIHR, 1985).

3. PERCURSO HISTÓRICO

“O comércio tem sido para Patos uma das principais razões do seu destaque no cenário do sertão paraibano iniciado no lombo dos burros dos tropeiros ou nos cascos das boiadas, uns indo, outros voltando do litoral, num movimento de troca que visava complementar as necessidades de consumo das populações das diversas áreas do Estado. As veredas se transformaram em caminhos que em seguida desabrocharam em estradas, conduzindo o destino de uma cidade.” (NDIHR, 1985, p. 83).

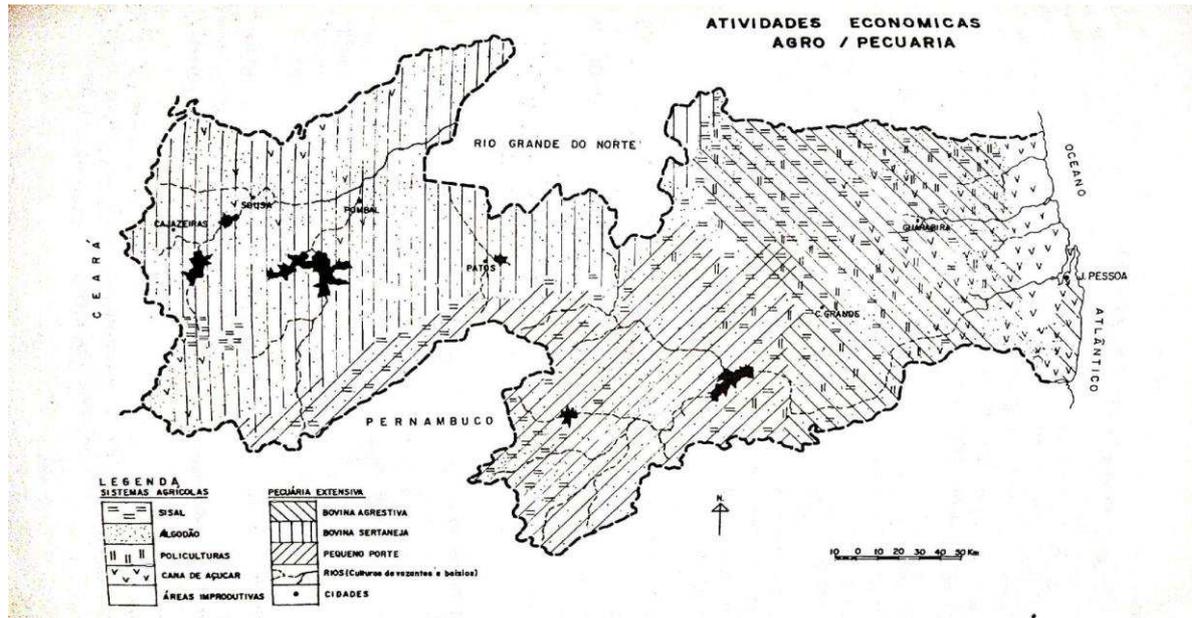


Figura 23: Mapa das Atividades Econômicas.
Fonte: NDIHR, 1985, p. 70.

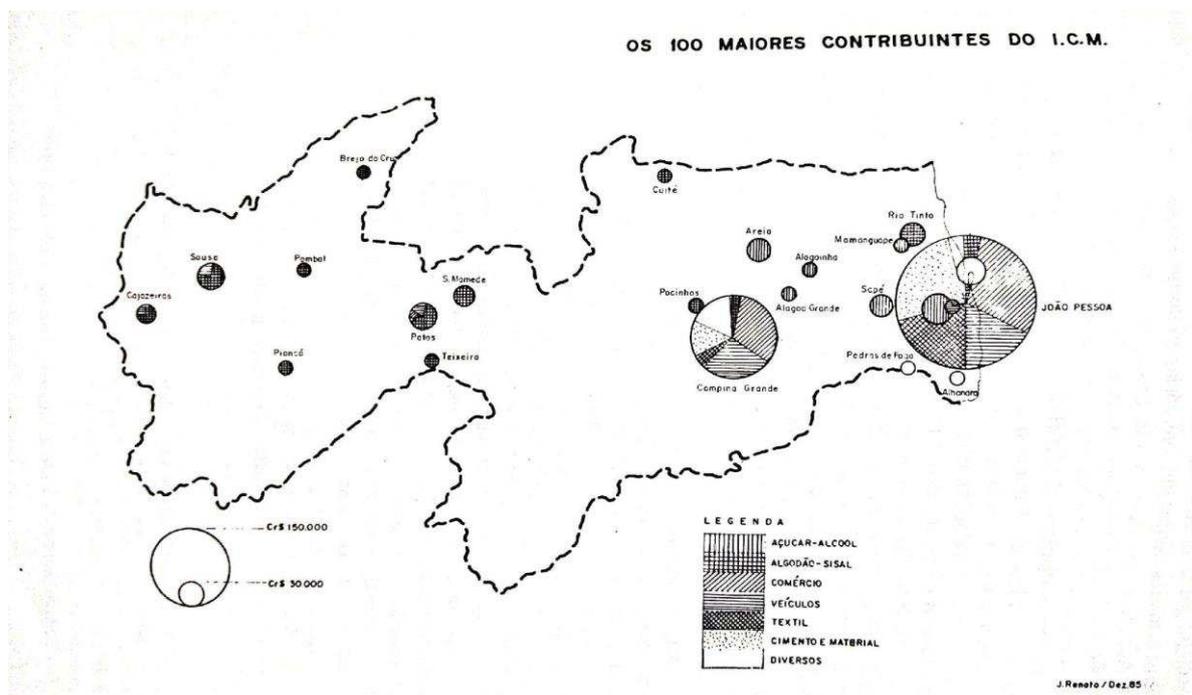


Figura 24: Mapa dos 100 maiores Contribuintes do ICM.
Fonte: NDIHR, 1985, p. 79.

3. PERCURSO HISTÓRICO

Por último, cabe ressaltar o quadro das secas vivenciadas pela cidade paraibana, que teve efeitos econômicos em vários setores, como na agropecuária, no comércio e na indústria e, destes decorreram efeitos sociais, educacionais e medidas governamentais assistencialistas. Ou seja, em todos esses âmbitos, o fenômeno das secas causou irregularidades. NDIHR (1985, p. 87) aponta que “[...] Por mais rigorosa que seja a seca, cada classe social a sentirá de acordo com as condições. A fome e a morte não se distribuem homogeneamente.”. As duas maiores secas se deram nos anos de 1877 a 1879, que ficou conhecida como a “Grande Seca” e no ano de 1915. Em 1951 houve mais outra seca e, dela, se teve início a relevância da açudagem (NDIHR, 1985).

Segundo Lucena (2022), no final do século XX a economia impactada pela redução de incentivos e pelos prejuízos causados à cultura algodoeira pela “praga do bicudo”, fez com que a SANBRA fechasse suas portas em 1980 e um contingente significativo da classe operária migrasse para o sul do país em busca de melhores condições de vida.

Contudo, em 2010 Patos possuía bons números na economia, segundo a Coletoria Estadual correspondia a 289 indústrias, 17 empresas agropecuárias, 19 empresas de transportes e comunicação, 123 empresas de serviços, 43 comerciantes atacadistas, 1.523 comerciantes varejistas regulares e inúmeros irregulares.

“Segundo pesquisa realizada pelas empresas MCKinsey e Geomarketing Escopo, Patos está inserida entre as cidades de interior que mais crescem em todo o Brasil, conquistando a posição de número 16 no ranking dos 20 municípios que apresentaram maior consumo entre 2010 e 2020. Também foi apontada como o terceiro maior potencial de consumo da Paraíba, [...] perdendo apenas para a Capital e Campina Grande.” (LUCENA, 2022, p. 408)

Com isso, vemos que apesar das secas e do fim de uma etapa marcante na economia patoense, a cidade conseguiu se reerguer e ocupar uma boa posição no PIB estadual e no crescimento nacional de cidades do interior.

Já acerca da vida social na cidade de Patos, faz-se antes necessário compreender a contextualização geral dela. O município de Patos está localizado na zona fisiográfica do Sertão no centro do Estado, com uma superfície de 472,892 km² (IBGE, 2021).

3. PERCURSO HISTÓRICO

“A sede municipal está localizada às margens do rio Espinharas [...]. Limita-se ao norte com o município de S. José de Espinharas, ao sul com Santa Terezinha e S. José do Bonfim, a leste com Cacimba de Areia, Quixaba e S. Mamede e a oeste com Catingueira e Malta. O município é banhado pelos rios Espinharas, da Farinha e da Cruz, sendo o principal o Espinharas. O açude Jatobá, construído pelo Governo Estadual em cooperação com o governo federal para o abastecimento da cidade, está localizado no sul da sede municipal [...]. Situada em zona sujeita a estiagens prolongadas, Patos tem clima quente e seco [...].” (NDIHR, 1985, p. 97-98).

A evolução populacional passou por momentos significativos, havendo um aumento na área urbana e a redução na área rural, bem como a diminuição populacional significativa ocorrida entre 1960 e 1970, as quais se deram devido ao desmembramento dos distritos, que passaram a ser municípios independentes (ver quadro 02). Hoje em dia, a cidade de Patos possui uma maior dinâmica populacional na área urbana, visto as suas características como polo centralizador com vários serviços distintos disponíveis, atraindo moradores de toda a região (NDIHR, 1985).

ANO	URBANA	RURAL	TOTAL
1940	8.695	33.155	41.850
1950	15.250	34.290	49.540
1960	27.275	33.912	61.187
1970	39.850	6.603	46.453
1980	59.051	6.158	65.209
1991	76.708	4.590	86.036
2000	87.949	3.812	91.761
2010	97.262	3.399	100.695

Quadro 02: Evolução da População Patoense entre os anos 1940 e 2010.
Fonte: NDIHR (1985) e IBGE, adaptado por Bruna de Figueiredo (2022).

3. PERCURSO HISTÓRICO

“A sociedade patoense: seus hábitos, sua mentalidade, suas atividades sociais, enfim, tudo que confere características próprias, estiveram, na origem, ligadas à Igreja. O próprio surgimento do povoado, como se sabe, decorreu da doação de terras para construção da capela de Nossa Senhora da Conceição, bem como para a constituição do seu patrimônio. [...] E foi em torno da capela que o povoado surgiu, cresceu e se transformou em cidade. A condição da cidade data, como se sabe, de 1903 e no decorrer da primeira metade do século XX foi, a rigor, a Igreja que deu o tom à vida social. Dois aspectos podem ser mencionados como exemplo da atuação da Igreja: a Educação e o lazer social.” (NDIHR, 1985, p. 99-100).

A educação ficava em segundo plano e era restrita apenas ao ensino primário, que acontecia em locais improvisados. Os demais níveis da educação só aconteciam em cidades maiores e era acessível apenas às pessoas com melhores condições econômicas. Em 1937 esse contexto começou a mudar na cidade de Patos, com a chegada do Colégio Diocesano de Patos e do Colégio Cristo Rei, idealizados por D. João da Mata Andrade e pelo Bispo de Cajazeiras (NDIHR, 1985).

O Colégio Diocesano de Patos funcionou inicialmente no Batalhão da Polícia Militar. Houve uma ampliação de um primeiro andar e conseguiu, também, a doação da antiga Casa da Câmara, que era anexa ao quartel da polícia. Com o tempo ocorreram novas ampliações de salões de aula. Em 1942, o Monsenhor Manoel Vieira foi nomeado o quarto diretor pelo Bispo Diocesano. Ele realizou diversas reformas de ampliação, assumindo a forma que apresenta atualmente. O Monsenhor também foi um grande defensor e propagador do esporte. O ápice positivo do Colégio Diocesano de Patos se deu em 1955, com a implantação de curso científico, que beneficiou os estudantes locais, tirando a necessidade de se deslocarem para mais longe (NDIHR, 1985). Dessa forma, a instalação do colégio foi um propulsor para o favorecimento da dinâmica da praça e do seu entorno, agregando diferentes usos e pessoas, atribuindo importância e renome para o local.

“Além da Educação o lazer patoense recebia a marca da Igreja. As festas religiosas sendo a mais importante a de Nossa Senhora da Guia - A Festa de Setembro, estabeleciam o calendário das atividades sociais. [...] a data da festa da padroeira nem sempre foi em setembro. Contudo ela acabou por se fixar nesse mês.” (NDIHR, 1985, p. 104-105).

Na cidade de Patos não falta história sobre a sociedade e como ela foi se moldando ao longo dos anos. Cabe ressaltar a modernização da cidade que foi dada após a Segunda Guerra Mundial (1945), por meio do avanço da tecnologia e da industrialização. A cidade é conectada a diversas outras por ferrovias e rodovias.

3. PERCURSO HISTÓRICO

Atualmente as ferrovias estão desativadas, já dentre as rodovias, a de eixo mais movimentada é a BR-230 (pavimentada em 1960), responsável por ligar Patos a duas outras grandes cidades: Campina Grande e João Pessoa. Também apresenta um aeroporto que há pouco tempo foi ativado, com a linha aérea Azul. Os anos foram passando e a tradicional igreja e suas festas mudaram, apresentando novas características; a rede escolar aumentou, com níveis superior e de redes estaduais e municipais. Embora todo o progresso na cidade de Patos, alguns pontos não foram suficientemente supridos para toda a população, a exemplo da saúde, da educação, da infraestrutura urbana (esgoto, água, energia, entre outros). A seca ainda traz consequências que não são controladas por todos os habitantes, devido às desigualdades sociais e econômicas (NDIHR, 1985).

Segundo Lucena (2022), na década de 50 a questão da saúde foi melhorando com a construção do Hospital Regional de Patos, em 1953, e do Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU), no final dessa década. Nas décadas seguintes também teve a construção da Maternidade, na década de 60, do Hospital Infantil, em 1987. Em 2006, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) foi implantado na cidade. Hoje, a cidade conta com várias unidades básicas de saúde (UBS), laboratórios, clínicas, entre outros serviços de saúde, mostrando o avanço que a cidade desencadeou ao longo dos anos.

A educação também passou por diversos avanços no decorrer dos anos, tornando hoje a cidade núcleo referência estadual e nacional. Além de várias escolas municipais, estaduais e particulares, Patos conta com um Instituto Federal da Paraíba (IFPB), abrangendo cursos técnicos e superiores. Também dispõe de Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Faculdades Integradas de Patos (FIP), entre outras instituições educacionais.

E, por fim, a infraestrutura urbana também passou por inúmeros progressos, mas principalmente em sua região central e em setores circunvizinhos, onde é mais consolidada. Já nas extremidades patoenses, a infraestrutura existente é mais precária.

“Apresenta 85.5% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 89% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 5.5% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).” (IBGE, 2010)

3. PERCURSO HISTÓRICO

Dado o exposto, é notória a importância da cidade para o estado. Com todo o crescimento populacional, urbano, econômico e social, que por muitos patoenses é desconhecido, têm-se a necessidade de retomar a sua história, principalmente do “coração” da cidade, onde se localiza o objeto de estudo, a atual Praça Edivaldo Motta, região onde tudo começou e de lá se expandiu.

3.2. A PRAÇA – EDIVALDO MOTTA, CENTRO

A praça Edivaldo Motta, localizada no bairro Centro, foi o ponto de partida da construção da cidade de Patos, estando associada à Capela de Nossa Senhora da Conceição, construída em 1772 (ver imagem 02). O espaço que hoje é a praça, antes consistia em um largo que funcionava em prol de eventos religiosos, bem como em torno da economia. O fato de ter servido como a principal área de comércio da cidade, impediu que o espaço fosse transformado em lotes e logradouros desordenados (ver figura 25) (LUCENA, 2022).



Imagem 02: Mapa de localização da Praça Edivaldo Motta e principais edificações de seu entorno.
Fonte: Google Earth (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

3. PERCURSO HISTÓRICO



Figura 25: Lagoa dos Patos ao fundo, área da mata onde hoje temos a Praça Edivaldo Mota, por volta dos anos 1900. Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

Até os anos de 1950, o espaço livre público em estudo foi destinado à feira popular patoense (ver imagem 03). Com a transferência da feira daquele local, para o Mercado Municipal (construído no final da década de 1940), houve uma grande revolta por parte dos feirantes que lamentaram perder seus pontos comerciais numa área prestigiada. Ao redor do largo e da igreja foram sendo construídas residências de pessoas mais ricas e de poder político dentro da cidade. A primeira farmácia de Patos se deu por essa área. Lá também ocorreu a primeira exibição cinematográfica, bem como os grandes desfiles cívicos (ver imagem 04) (LUCENA, 2022).



Imagem 03: Feira semanal no largo da Igreja Velha, por volta dos anos 1950. Circulado em laranja, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

3. PERCURSO HISTÓRICO

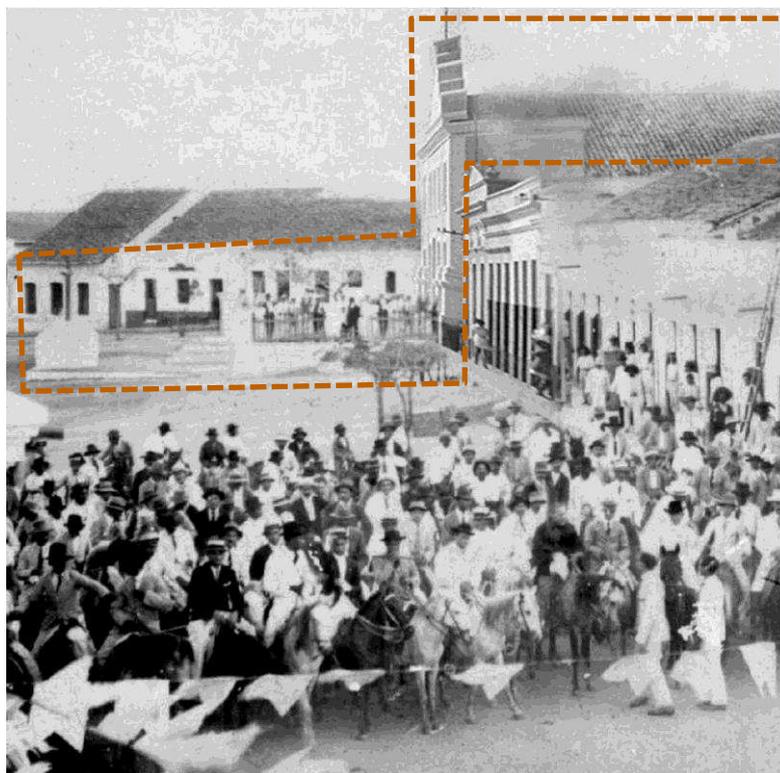


Imagem 04: Desfile cívico próximo ao largo da Igreja Velha, por volta dos anos 1920. Circulado em laranja, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.
Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

No momento em que o espaço era denominado como Praça da Velha Igreja (na década de 1900), o uso assumido foi o de largo, um espaço livre público utilizado para o comércio. O espaço também ficou conhecido como Praça da Independência, devido à comemoração de 100 anos de Independência do Brasil, em 1922. Por volta da década de 1930, esse espaço foi denominado como Praça João Pessoa, nome dado em homenagem ao ex-governador da Paraíba. Durante o período em que era conhecida como praça da Babilônia (na década de 1960), as atividades voltavam-se para o passeio e contemplação, visto que havia uma preocupação com o embelezamento do local após a retirada da feira. O espaço recebeu este nome devido a um jardim suspenso em estruturas de madeira, conhecidas como caramanchões, que imitavam os jardins suspensos da Babilônia. No entanto, com a Lei Municipal nº 2.169/95, de 9 de junho de 1995 (disponível no site da Câmara Municipal de Patos), aprovada durante o governo de Antônio Ivânio Ramalho de Lacerda, ela passa a ser denominada como Praça Edivaldo Motta, nome dado em homenagem póstuma ao Deputado Estadual Edivaldo Fernandes Motta (LUCENA, 2022).

3. PERCURSO HISTÓRICO

Num primeiro momento a cidade de Patos passou por transformações baseadas no desenvolvimento e na consolidação da economia, religião e educação. Em algum nível essas esferas estiveram relacionadas com a praça em questão, seja através da primeira Igreja fundada, da feira local ou pela conhecida Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Manoel Vieira (EEEFMMMV), a qual está localizada no entorno imediato da praça. Antes, a mesma funcionou como o Batalhão da Polícia Militar, a Casa da Câmara e a cadeia pública (ver imagem 05), que posteriormente cederam a edificação para o Colégio Diocesano de Patos, e logo se transformou no Colégio Adauto, até chegar nos dias de hoje em que consiste a EEEFMMMV. Apesar de toda a riqueza da história patoense, principalmente da área de estudo que marca o início do desenvolvimento da cidade, nenhum prédio deste local é tombado, assim como não há uma delimitação de um centro histórico, ou seja, não há reconhecimento nem de patrimônio edificado, nem do conjunto urbano. O seu entorno imediato era predominantemente de usos residencial, de serviços (posteriormente substituídos por educacional) e, por último, comercial. (LUCENA, 2022).



Imagem 05: Batalhão da Polícia Militar (à esquerda) e Casa da Câmara (à direita), por volta dos anos 1920. Fonte: LUCENA, 2022.

Outro ponto importante que cabe ser ressaltado é que alguns dos nomes que a praça possuiu não foram oficiais, visto que na época não existia uma grande preocupação com os registros. Entretanto, sabe-se que a mesma assumiu papéis e funções de acordo com a época em que estava inserida (LUCENA, 2022).

3. PERCURSO HISTÓRICO

Apenas no governo de José Cavalcanti (1963-1969) que ocorreu a ação de transformar o espaço em praça. Quando era conhecida como praça João Pessoa, a praça tinha uma fonte de água que manteve sua beleza por pouco tempo, tendo em vista o grande gasto com manutenção que era demandado, fazendo com que ela virasse depósito de detritos, acumulando água das chuvas e virando um foco de doenças (ver imagem 06). O seu entorno imediato era predominantemente de usos residencial, educacional e, por último, comercial. (LUCENA, 2022).



Imagem 06: Fonte de água em ruínas, na Praça Edivaldo Motta, por volta dos anos 2000.
Fonte: Instagram @patospressao (2023).

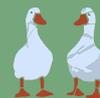
Isso fez com que o espaço fosse abandonado pela população e pelo governo. Cenário este que mudou com o movimento em prol da construção da concha acústica, liderado por Nilson, que foi o idealizador principal e que faleceu antes da sua inauguração, porém ele foi homenageado na nomeação da mesma como Concha Acústica Nilson Batista. Nesse momento, a predominância dos usos no entorno imediato eram comercial, educacional e, por último, residencial (LUCENA, 2022).

Após analisar a história da formação da cidade e do espaço em estudo, chegou-se na definição de quatro diferentes momentos que marcaram a evolução da praça, e a partir dos quais tornou viável a abordagem que será feita no capítulo seguinte. Para a definição desses quatro momentos, foi necessário perceber quando se deram as expressivas mudanças físicas e reformas que ocorreram no espaço ao longo do tempo (periodização morfológica), além das diversas funções, atividades e usos que convergiram a partir dessas alterações no espaço público.

4. PERCURSO TEMPORAL



4. PERCURSO TEMPORAL



Neste capítulo são detalhados cada um dos momentos que a praça vivenciou desde a sua origem até os dias atuais, conforme explicitado no capítulo anterior. Dessa forma, não só o contexto histórico é analisado, mas também alguns de seus elementos morfológicos definidor por Lamas (2004): a praça, o monumento, a árvore e a vegetação, e o mobiliário urbano. Além de uma breve correlação com os conceitos sobre a função social das praças, explicada por Robba e Macedo (2003), as atividades desenvolvidas nos espaços livres públicos defendidos por Gehl (2015) e os parâmetros de qualidade urbana definidos Jacobs (2011).

Os elementos base de análise para identificar e analisar cada momento, foram as fotografias, o material cartográfico existente e os escritos do jornalista e historiador Damião Lucena (2022).

Assim, os esquemas bidimensionais desenhados não assumem total precisão métrica e técnica a nível deste trabalho e pela ausência de material preciso, porém, assegura o resgate e a análise da evolução morfológica da praça. Inicialmente veremos a linha do tempo construída como auxílio às análises discorridas em seguida (ver figura 26).



Figura 26: Arte com azulejos quebrados – Homenagem à cidade e trecho do hino patoense.
Fonte: LUCENA (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

<p>PRIMEIRO MOMENTO (entre 1900 e 1960)</p>	<p>1906 Inauguração da Igreja de Nossa Senhora da Guia</p> <p>1922 Centenário da Independência do Brasil – Praça da Independência</p> <p>193? Supressão das árvores, reforma do espaço</p> <p>1931 Início da feira de gado e denominação Praça João Pessoa</p> <p>1937 Antigos Batalhão da Polícia Militar e anexa Casa da Câmara cedidos para o Colégio Diocesano de Patos</p>
<p>SEGUNDO MOMENTO (entre 1960 e 1990)</p>	<p>196? Reforma urbana transformando o espaço em praça</p> <p>1963 Nomenclatura: Praça da Babilônia</p>
<p>TERCEIRO MOMENTO (entre 1990 e 2010)</p>	<p>19?? Reforma modificando todo o desenho urbano da praça e substituindo a antiga fonte de água por outra mais moderna</p> <p>1995 Lei Municipal nº 2.169/95, de 9 de junho de 1995 (Praça Edivaldo Motta)</p>
<p>QUARTO MOMENTO (entre 2010 e 2023)</p>	<p>2014 Reforma substituindo a fonte de água moderna pelo anfiteatro com a concha acústica</p> <p>2019 Melhoria na iluminação através da troca das lâmpadas</p> <p>2022 Implantação de novas mudas de árvores e de <i>playground</i> infantil</p>

4. PERCURSO TEMPORAL

4.1. PRIMEIRO MOMENTO (ENTRE 1900 E 1960)

O primeiro momento abrange o período entre 1900 e 1960, é dividido em duas partes e apresentou três nomes: Praça da Velha Igreja, Praça da Independência e Praça João Pessoa. A primeira parte é caracterizada pelo espaço em solo natural e com a plantação de algumas árvores, o qual servia para fins militares e religiosos, fazendo referência ao período colonial, de acordo com Robba e Macedo (2003). A segunda parte é caracterizada pelo piso pavimentado e elevado, com a presença de árvore, poste de iluminação, caramanchão e coreto, servindo para fins de convívio social, comércio e feiras, além da circulação. O espaço era circundado por edificações como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, o Batalhão da Polícia Militar, a Casa da Câmara, a Cadeia Pública, que posteriormente deram lugar ao Colégio Diocesano de Patos, que em seguida passou a se chamar de Colégio Dom Adauto e hoje corresponde à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Manoel Vieira, entre outras edificações.

A PRIMEIRA ETAPA

Com o total aproximado de 51 árvores, e área e perímetro aproximados de 3.400 m² e 245 m, tinha como função um espaço de embelezamento, além de eventuais usos para fins militares e religiosos, uma vez que, eram realizados desfiles cívicos e atividades religiosas no seu entorno devido a presença da Igreja Matriz e do Batalhão de Polícia Militar nas proximidades, instituições de renomado prestígio nessa época. Vale ressaltar que apesar de acontecerem determinadas atividades, a praça ainda não possuía mobiliários, desenho arquitetônico e nenhuma outra preocupação diretamente relacionada com o conforto das pessoas que participavam dessas atividades, estando essas muito mais relacionadas às instituições circunvizinhas do que com o espaço em si.

De acordo com os conceitos de Gehl (2015) acerca dos tipos de atividade, percebe-se que nessa fase inicial, as atividades ocorridas nesse espaço eram apenas as necessárias e as sociais, visto que o fim era apenas o deslocamento e eventuais atividades sociais. Levando em conta os parâmetros de qualidade urbana de Jacobs (2011), é possível apontar a atratividade das ruas e os usos da cidade, por se tratar de

4. PERCURSO TEMPORAL

uma área central, mas que tinha características residenciais, dada a origem da cidade ter ocorrido nesse espaço (ver imagens 07, 08 e 09). Por fim, apresentou apenas um dos elementos morfológicos de Lamas (2004), que seria árvore e vegetação, distribuídas alinhadas e igualmente espaçadas, resultando em uma vista simétrica e continuada da paisagem urbana (ver figuras 27 e 28). De acordo com os estudos de Robba & Macedo (2003), percebe-se que se enquadrava no período Colonial, embora ainda não tivessem atividades claras de comércio e feira, nem de convívio social, mas sim o uso militar.

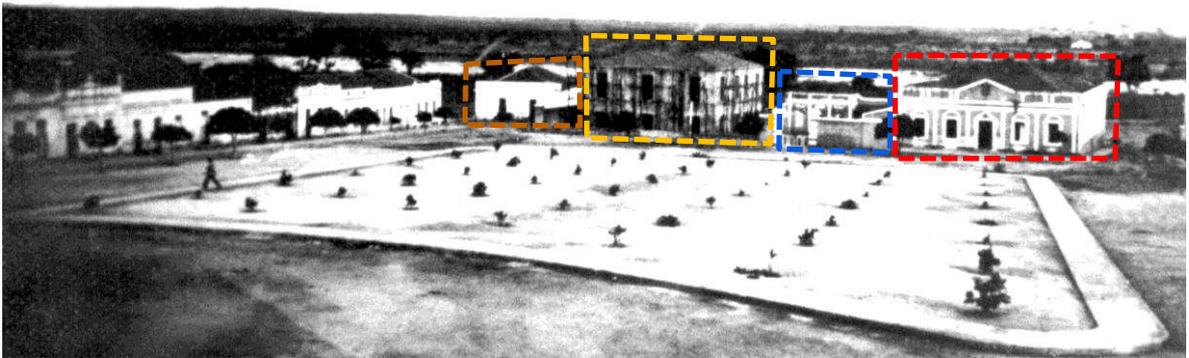


Imagem 07: Primeiro momento e primeira etapa da praça, por volta dos anos 1920. Vista 01. Cadeia Pública (em laranja), Colégio Dom Aauto (em amarelo), Batalhão da Polícia Militar (em azul) e Casa da Câmara (em vermelho) Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

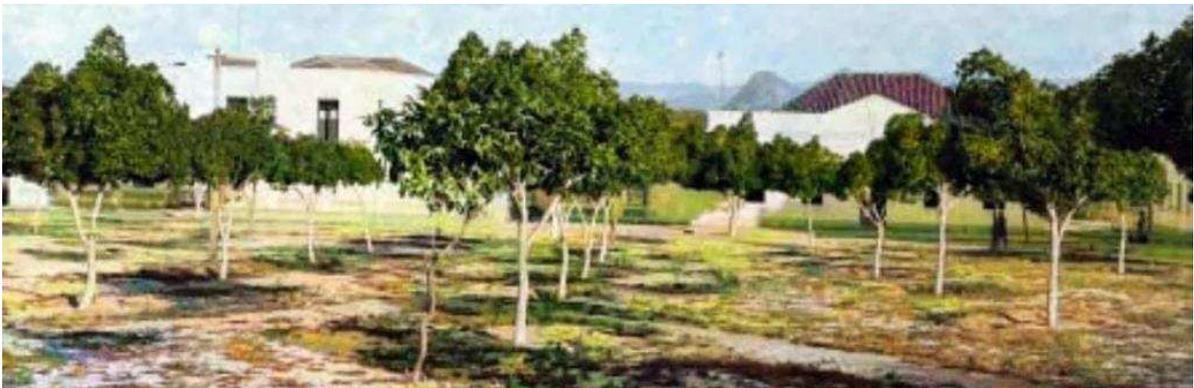


Imagem 08: Praça da Velha Igreja, por volta dos anos 1920. Vista 02.
Fonte: Instagram @patospressao, 2022.



Imagem 09: Colégio Diocesano de Patos, por volta dos anos 1930. Vista 03.
Fonte: Instagram @patospressao, 2022.

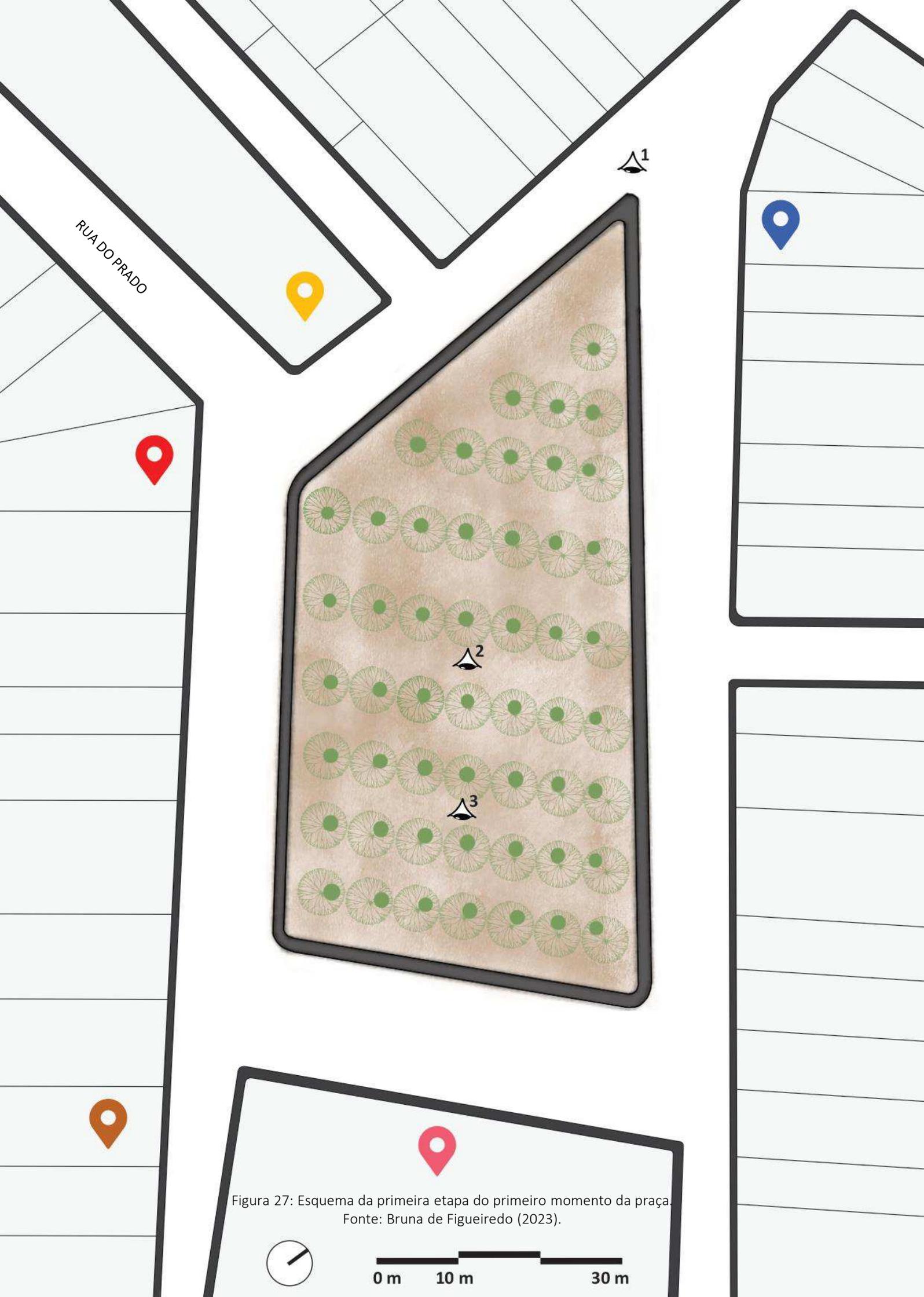


Figura 27: Esquema da primeira etapa do primeiro momento da praça.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).



0 m 10 m 30 m

4. PERCURSO TEMPORAL

ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

(LAMAS, 2011):

→ PRAÇA: não;

→ MONUMENTO: não;

→ ÁRVORE E VEGETAÇÃO:

aproximadamente 51 árvores e
vegetação rasteira;

→ MOBILIÁRIO URBANO: não.

ATIVIDADES

(GEHL, 2015):

→ Necessárias;

→ Sociais.

QUALIDADE URBANA

(JACOBS, 2011):

→ Atratividade das
Ruas;

→ Usos da Cidade.



LEGENDA:

Casa da Câmara /
Batalhão da
Polícia Militar /
Colégio Diocesano
de Patos

Igreja de Nossa
Srª da Conceição

Não identificado

Não identificado

Não identificado

Vista (imagem)

Árvore

Terra



0 m 10 m 30 m

Figura 28: Esquema da primeira etapa do primeiro momento da praça.

Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

A SEGUNDA ETAPA

Na segunda etapa a praça passou por uma reforma pouco expressiva, mas que foi responsável pela retirada das árvores existentes deixando apenas uma, o piso passou a ser pavimentado e foram instalados quatro postes de iluminação, dois caramanchões e um coreto. Sua área e seu perímetro aproximados foram mantidos os mesmos, 3.400 m² e 245 m.

Esse espaço passou a ser utilizado para a feira comercial que ocorria durante o dia, no qual os comerciantes traziam suas mercadorias através de animais de carga, montavam barracas e tendas, e comercializavam e trocavam os mais variados produtos, desde grãos até gado. Nessa época o comércio ocorria dessa forma, não existia um espaço físico consolidado de comercialização na cidade, portanto, as pessoas vinham até essa área pública para abastecerem suas casas até os anos 1950 (ver imagens 10 e 11). Apesar de possuir um caráter efêmero, visto que as barracas e tendas eram recolhidas ao final da feira, o comércio se consolidou de tal forma que posteriormente motivou uma revolta por parte dos comerciantes, devido a criação do mercado municipal em outra localidade.

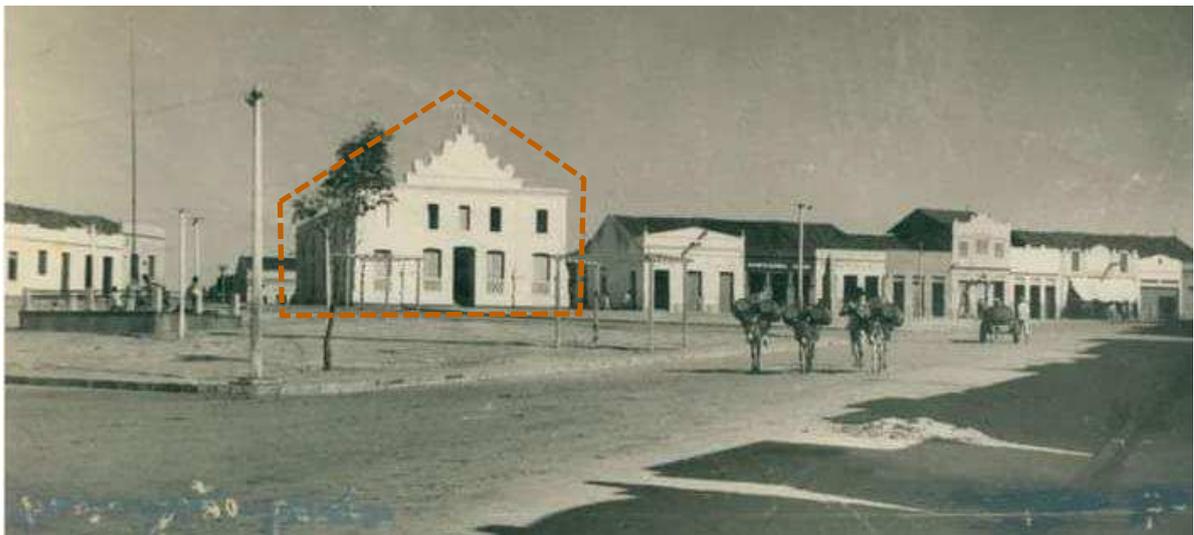


Imagem 10: Primeiro momento e segunda etapa da praça, por volta dos anos 1940. Vista 01. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (em laranja). Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL



Figura 11: Primeiro momento e segunda etapa da praça, por volta dos anos 1920. Vista 02. Ao centro da imagem, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Fonte: Instagram @patospressao (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

Além da função comercial, o espaço também oferecia a função social, se encaixando no período Colonial de Robba & Macedo (2003), embora não houvessem mais as atividades militares. Nessa época os coretos eram pontos de encontro para a população, ainda não configurava uma praça propriamente dita mas já possuía uma expressiva relação com o cotidiano, as trocas e as interações pessoais. A partir dessas atividades o local foi ganhando notoriedade e sendo cada vez mais valorizado.

Nesta etapa, considerando os conceitos sobre atividades de Gehl (2015), eram exercidas atividade necessárias e sociais, uma vez que agregava as atividades comerciais, e era ponto de encontro para atividades sociais. Já segundo os parâmetros de qualidade urbana de Jacobs (2011), os mesmos se repetem nesta segunda etapa. Assim, o que muda na segunda etapa com relação a primeira são os elementos morfológicos de Lamas (2004), com a redução significativa de árvores e vegetação, e com o acréscimo de mobiliário urbano (ver figuras 29 e 30). Os dois caramanchões foram distribuídos de forma alinhada, como se delimitasse a área comercial, os postes foram dispostos a iluminar o coreto, provavelmente por gerar uso social no período noturno. E o coreto se encontra um pouco afastado dos caramanchões, certamente para não “quebrar” a continuidade da feira.

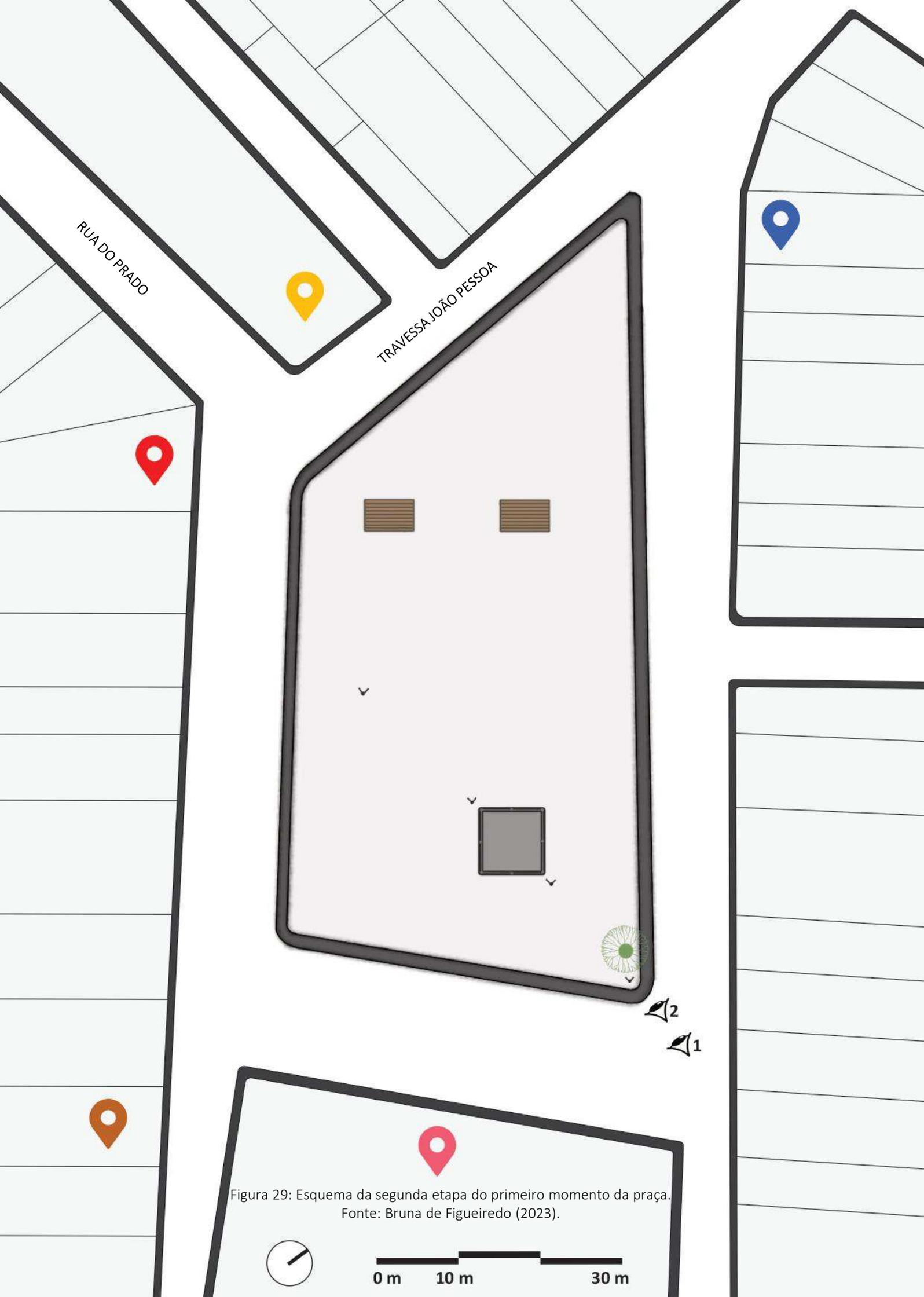


Figura 29: Esquema da segunda etapa do primeiro momento da praça.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).



0 m 10 m 30 m

4. PERCURSO TEMPORAL

ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

(LAMAS, 2011):

- PRAÇA: não;
- MONUMENTO: não;
- ÁRVORE E VEGETAÇÃO: 1 árvore;
- MOBILIÁRIO URBANO:
aproximadamente 4 postes de
iluminação, 2 caramanchões e 1
coreto.

ATIVIDADES

(GEHL, 2015):

- Necessárias;
- Sociais.

QUALIDADE URBANA

(JACOBS, 2011):

- Atratividade das
Ruas;
- Usos da Cidade.

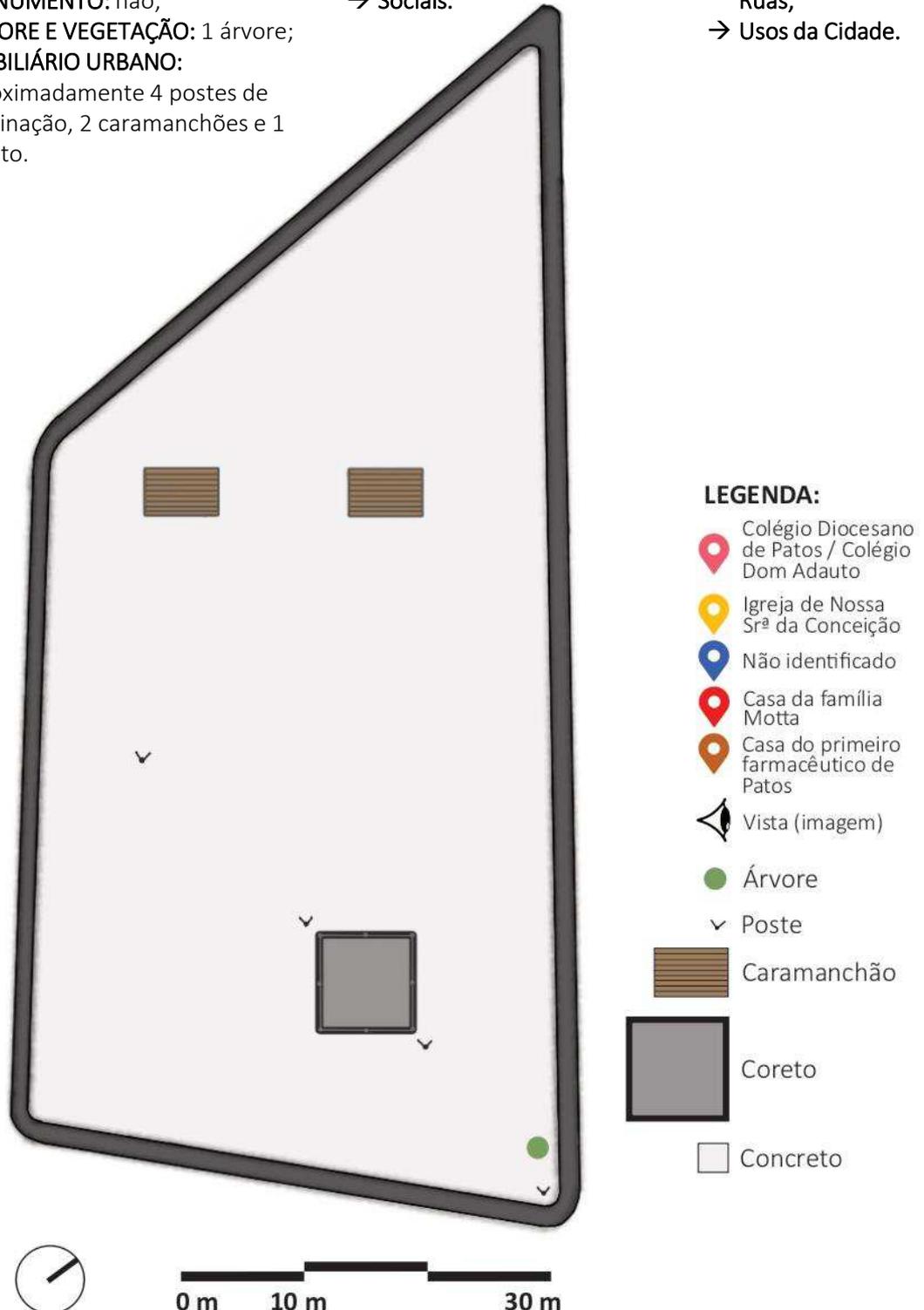


Figura 30: Esquema da segunda etapa do primeiro momento da praça.

Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

4.2. SEGUNDO MOMENTO (ENTRE 1960 E 1990)

O segundo momento da praça corresponde ao período entre as décadas de 1960 e 1990, o qual foi marcado pelo crescimento de iniciativas políticas que visavam a valorização do espaço público. Como nessa época ainda não havia uma denominação oficial, a praça era conhecida por diferentes nomenclaturas: Praça da Velha Igreja, remetendo à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, localizada em seu entorno; Praça da Independência; Praça João Pessoa; e de maior destaque tem-se a Praça da Babilônia, nome dado graças à primeira reforma significativa que ocorreu nesse espaço, atribuindo-lhe características do desenho arquitetônico que remetiam às praças da Babilônia.

É correto afirmar que houve uma valorização dessa área a partir do momento em que a mesma foi objeto de uma intervenção mais expressiva, a qual lhe atribuiu uma maior qualidade “ambiental”. Tornando-se um local mais convidativo para a população, valorizando o ato de flunar e de apreciar as novas linhas, caminhos e vegetações que passaram a compor o espaço. Além disso, outros elementos também foram incorporados na reforma, como bancos, canteiros com árvores e arbustos, postes de iluminação e uma fonte de água, o que mais uma vez expressa a intenção de trazer a população para ocupar o local (ver imagem 12).

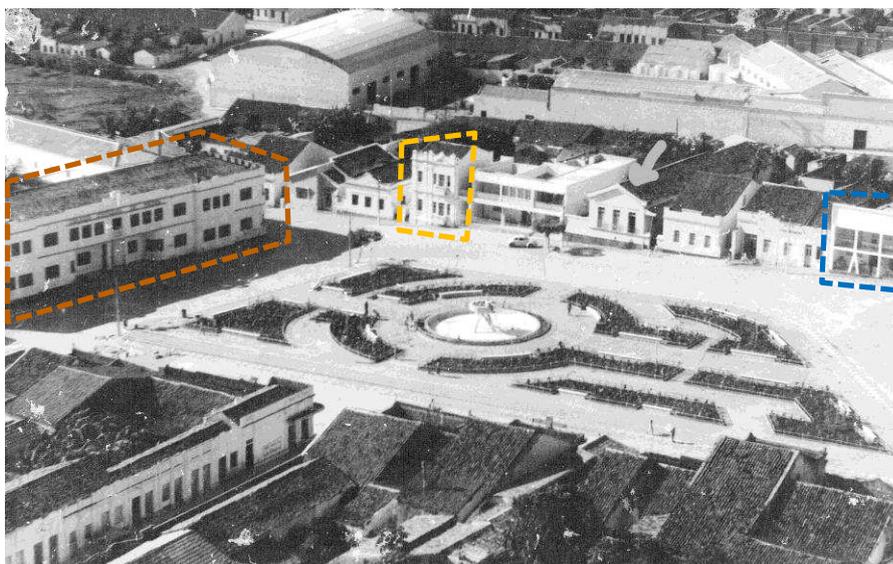


Imagem 12: Segundo momento da praça, por volta dos anos 1960. Vista 01. EEEFMMMV (em laranja), casa do primeiro farmacêutico de Patos (em amarelo) e casa da renomada família Motta (em azul).

Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

É interessante observar que essa valorização do espaço também teve como fomentador, o fato de que importantes edificações estavam localizadas em seu entorno imediato, a exemplo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, da atual Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Manoel Vieira, de residências de pessoas influentes na cidade e de comércios básicos, como a primeira farmácia instalada em Patos.

Quanto aos aspectos quantitativos da reforma, o piso da praça foi pavimentado, houve a instalação de novos postes de iluminação, visto a insuficiência dos presentes no período anterior, canteiros com vegetação distribuídos por toda a praça, para gerar maior conforto ambiental e embelezamento da paisagem urbana (não foi possível contabilizar apenas com as imagens disponíveis), bancos próximos aos canteiros e em todos eles, para os usuários deste espaço desfrutassem do potencial deste, e uma fonte de água, localizada centralmente na praça, como símbolo de hierarquia e complemento de beleza no jardim. Sua área e seu perímetro aproximados ainda eram de 3.400 m² e 245 m, correspondentes com os do primeiro momento, visto que suas dimensões foram mantidas, sendo modificados apenas alguns dos seus elementos morfológicos (ver imagem 13 e figura 31).

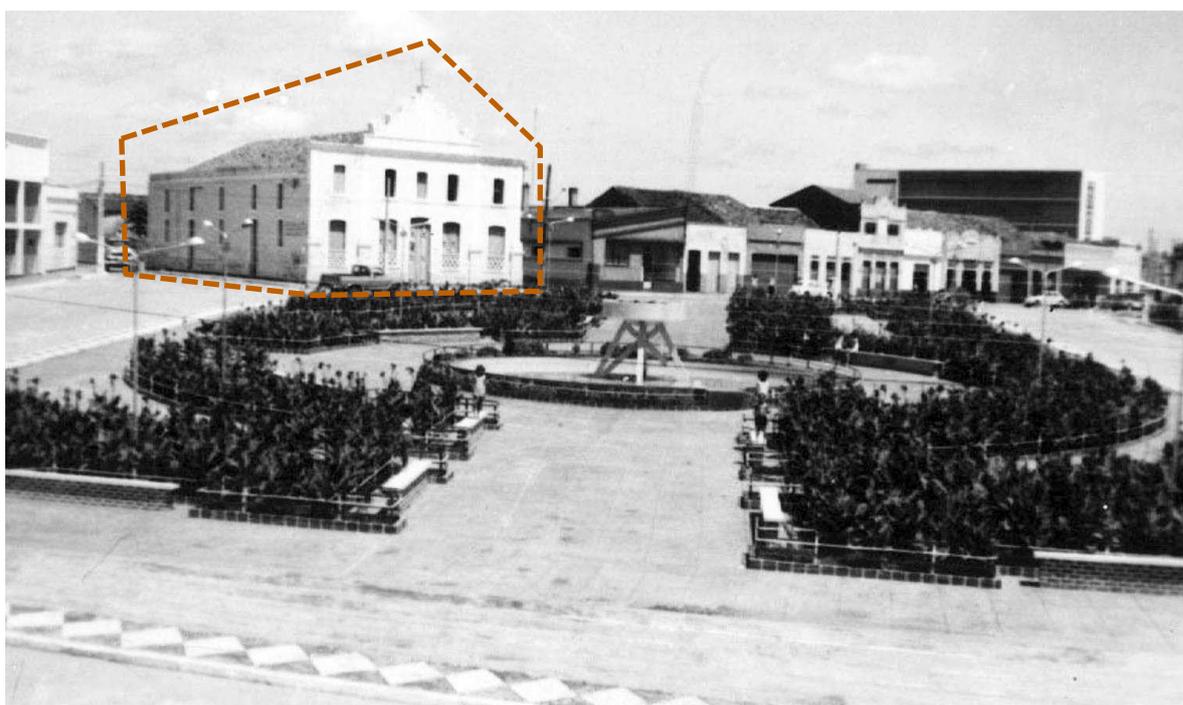


Imagem 13: Segundo momento da praça, por volta dos anos 1960. Vista 02. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (em laranja). Fonte: LUCENA (2022), adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL



Figura 31: Mulheres conversando na praça, por volta dos anos 1960. Vista 03. Ao fundo, a fonte de água.
Fonte: Instagram @patospresao (2022), adaptado por Bruna de Figueiredo (2023).

Ao analisar os conceitos sobre atividades de Gehl (2015), os fins passaram a ser não só de passeio, mas também de contemplação e convívio social como já mencionado, encaixando-se na categoria de atividades opcionais, e no estilo Eclético da função das praças, de acordo com Robba & Macedo (2003). De acordo com os parâmetros de qualidade urbana de Jacobs (2011), abrange a atratividade nas ruas e os usos da cidade, como no primeiro momento, mas agora se tem um desenho arquitetônico de praça (ver imagem 14). Por último, os elementos morfológicos de Lamas (2004) presentes neste momento eram: praça, monumento, árvore e vegetação, e mobiliário urbano, o qual foi acrescido dois deles que não existiam no momento anterior (a praça e o monumento) (ver figuras 32 e 33).

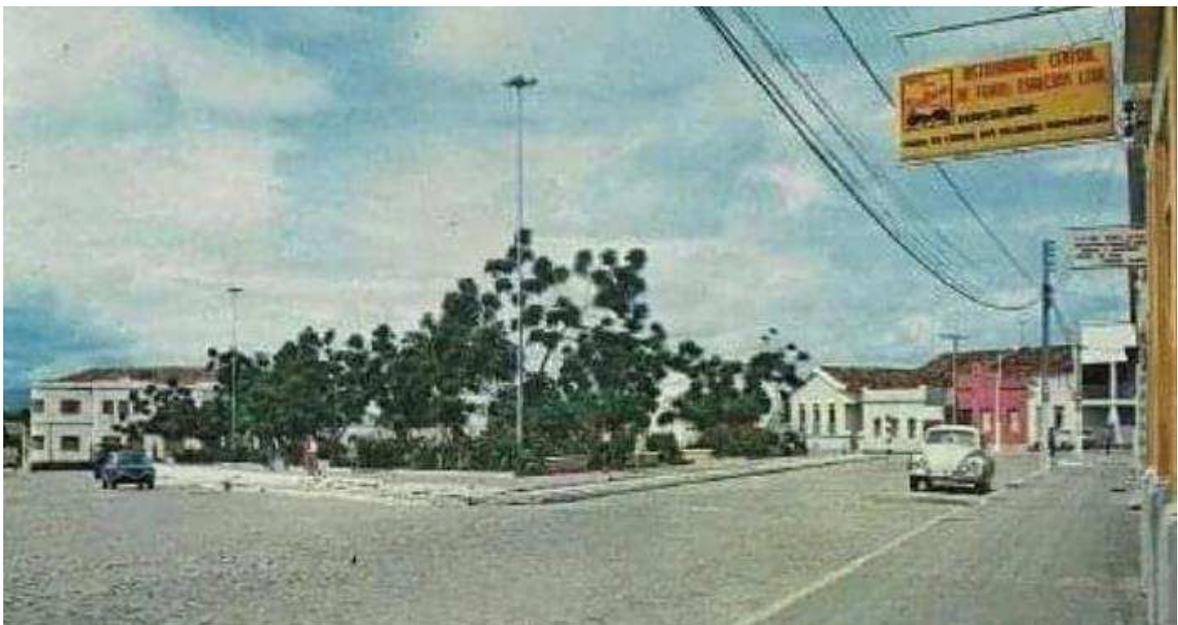
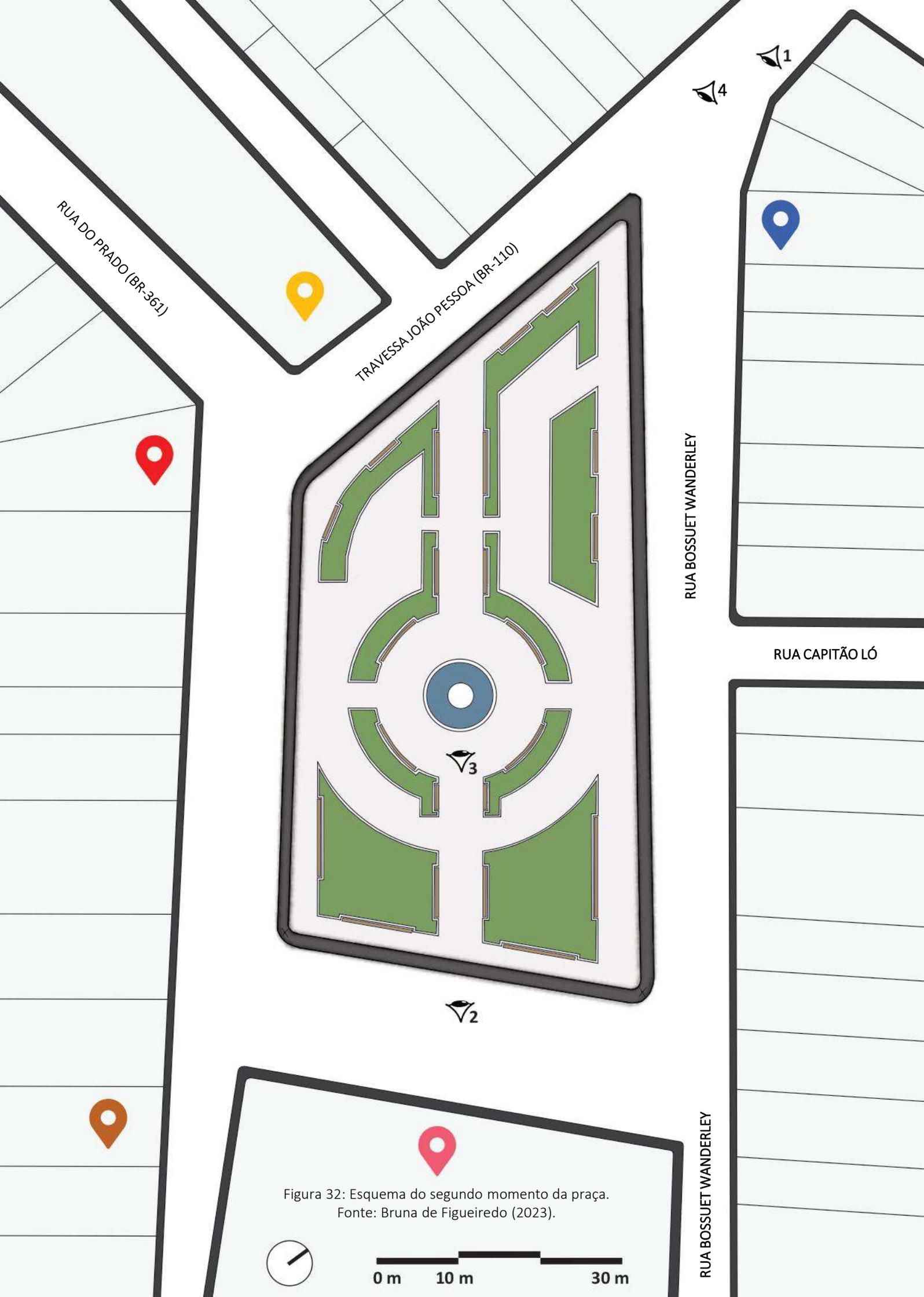


Imagem 14: Vista 04. Praça da Babilônia, por volta dos anos 1970.
Fonte: Instagram @patoscapitaldosertao (2023).



RUA DO PRADO (BR-361)

TRAVESSA JOÃO PESSOA (BR-110)

RUA BOSSUET WANDERLEY

RUA CAPITÃO LÓ

RUA BOSSUET WANDERLEY

Figura 32: Esquema do segundo momento da praça.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).



0 m 10 m 30 m

4. PERCURSO TEMPORAL

ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

(LAMAS, 2011):

- **PRAÇA:** desenho com proporções e alinhamentos, linhas retas e curvas;
- **MONUMENTO:** 1 fonte de água;
- **ÁRVORE E VEGETAÇÃO:** algumas árvores e arbustos;
- **MOBILIÁRIO URBANO:** 22 bancos nos canteiros e 2 postes de iluminação.

ATIVIDADES

(GEHL, 2015):

- **Necessárias;**
- **Opcionais;**
- **Sociais.**

QUALIDADE URBANA

(JACOBS, 2011):

- **Atratividade das Ruas;**
- **Usos da Cidade.**

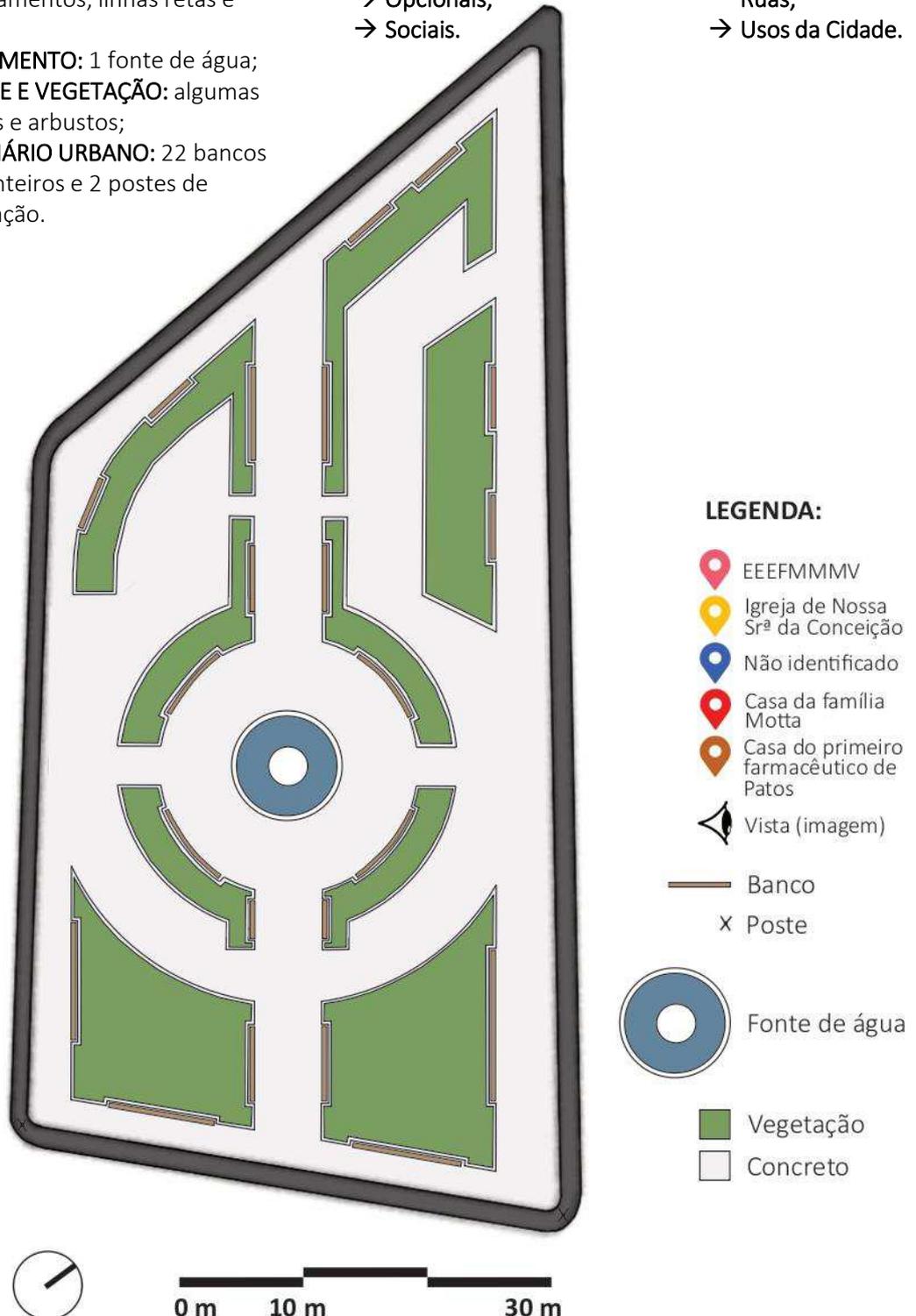


Figura 33: Esquema do segundo momento da praça.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

4.3. TERCEIRO MOMENTO (ENTRE 1990 E 2010)

O terceiro momento se deu entre a década de 1990 e os anos 2000. Um período marcado pela consolidação da cidade em termos de planejamento e desenvolvimento urbano, no qual ocorreram mudanças significativas através da reforma que preocupou-se com aspectos arquitetônicos e urbanísticos da praça, traços advindos da contemporaneidade. Além disso, ela recebeu o nome oficial de Praça Edivaldo Motta através da Lei Municipal nº 2.169/95, de 9 de junho de 1995, conforme abordado no capítulo anterior. Apresentou área e perímetro aumentados, aproximadamente 3.500 m² e 280 m, respectivamente, devido a construção de um espaço anexo à praça, que tinha um canteiro, bancos e uma banca de revistas.

Com a reforma a praça passou a contar com canteiros elevados em formatos poligonais e escadarias, além de um desenho que valorizava as proporções e os alinhamentos, ressaltando sua exuberante vegetação já consolidada. Esses canteiros foram posicionados de tal forma a valorizar os caminhos que levavam para o centro da praça, no qual encontrava-se a já conhecida fonte, a qual, também passou por um processo de modernização (ver imagem 15). Os diversos bancos espalhados próximo à vegetação, a ampliação da iluminação e a adição de mobiliários como mesas e lixeiras, e uma banca de revistas - a Banca Catedral, evidenciaram o recorrente uso do espaço pela população para diversos fins, como a contemplação, a interação social, eventos ao ar livre, entre outros. A praça passou a ser um símbolo da cidade, frequentada pelos seus moradores principalmente em épocas festivas (ver imagens 16, 17 e 18).

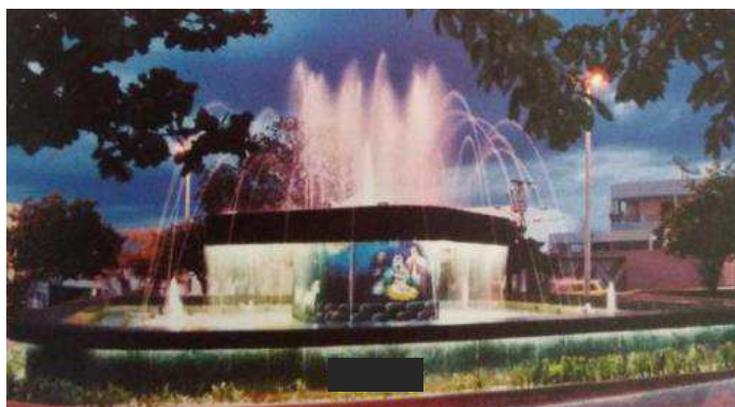


Imagem 15: Vista 01: Fonte moderna na Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Ana Freire, 2020.

4. PERCURSO TEMPORAL



Imagem 16: Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Vista 02: Evento natalino na Praça Edivaldo Motta. Fonte: Instagram @patospresao (2022).



Imagem 17: Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Vista 03: Banca Catedral no espaço ampliado. Fonte: Google Maps (2011).



Imagem 18: Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Vista 04. Fonte: Google Maps (2011).

Observa-se, portanto, que no terceiro momento a praça já reunia as três categorias de atividades definidas por Gehl (2015), as necessárias, as opcionais e as sociais, uma vez que a população se apropriou do espaço modernizado que havia sido entregue para a cidade. O estilo passou a ser Eclético-Moderno (ROBBA & MACEDO, 2003), por manter características do desenho urbano anterior, mas complementá-lo com novos elementos morfológicos e redistribuí-los de nova maneira, tornando a praça plana ao vencer a topografia por meio da escadaria. Quanto aos parâmetros defendidos por Jacobs (2011) é importante ressaltar que com a reforma, a praça e o seu entorno ganharam ainda mais atratividade e se tornaram convidativos para a sociedade, fazendo com que cada vez mais adultos e crianças se reunissem naquele espaço ao ar livre para desenvolver atividades (ver imagens 19 e 20 e figuras 34 e 35).

4. PERCURSO TEMPORAL



Imagem 19: Terceiro momento da praça, por volta dos anos 1990. Vista 05: Início da arborização na praça. Fonte: Rossevelt Silva, 2010.



Imagem 20: Terceiro momento da praça, por volta dos anos 2000. Vista 06: Mesas e bancos sendo ocupados. Fonte: Rossevelt Silva, 2010.



Figura 34: Esquema do terceiro momento da praça.
 Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

(LAMAS, 2011):

- **PRAÇA:** desenho com proporções e alinhamentos, linhas retas e escadaria;
- **MONUMENTO:** 1 fonte de água moderna e 3 estátuas de homenagem;
- **ÁRVORE E VEGETAÇÃO:** 34 árvores, alguns arbustos e vegetação rasteira;
- **MOBILIÁRIO URBANO:** 1 banca de revistas, 22 bancos nos canteiros, 11 postes de iluminação e de energia, 2 mesas, 8 bancos, 9 lixeiras, 2 orelhões e 7 placas de trânsito.

ATIVIDADES

(GEHL, 2015):

- **Necessárias;**
- **Opcionais;**
- **Sociais.**

QUALIDADE URBANA

(JACOBS, 2011):

- **Atratividade das Ruas;**
- **Usos da Cidade.**



Figura 35: Esquema do terceiro momento da praça.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

4.4. QUARTO MOMENTO (ENTRE 2010 E 2023)

O quarto e atual momento da praça se deu a partir dos anos 2010 e pode se afirmar que ela acompanhou a modernização e as demandas sociais que se sucederam. A principal mudança que ocorreu nesse período foi a demolição da fonte de água a posterior criação do anfiteatro e da concha acústica, em um primeiro momento, através de um esforço para a valorização da cultura local, esse novo espaço tornou-se palco para diversos eventos musicais, festivos, educativos, político-sociais, campanhas, entre outros (ver imagem 21).



Imagem 21: Quarto momento da praça, por volta dos anos 2010. Vista aérea da Praça Edivaldo Motta. Igreja de Nossa Senhora da Conceição (em laranja) e residência da renomada família Motta (em amarelo).

Fonte: Desconhecida, adaptada por Bruna de Figueiredo (2023).

Atividades como apresentações escolares, palestras e campanhas de saúde, peças de teatro, São João Alternativo, protestos, ensaios fotográficos, reuniões das mais variadas possíveis, evidenciam que a praça tornou-se um ponto de encontro que converge toda a diversidade social existente na cidade. Nesse momento observam-se as três categorias de atividades definidas por Gehl (2015), que não foram apenas mantidas como também intensificadas pelo aspecto cultural que se fortaleceu. Tais atividades fomentaram o comércio local, gerando renda para alguns moradores da cidade. A função da praça agregou, então, recreação, lazer social, serviços e comércio, que ao levar em conta os estudos de Robba & Macedo (2003), passou a se encaixar no período Moderno-Contemporâneo, porém não tão contemporâneo ainda, dada a ausência de lazer esportivo (ver imagens 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28).

4. PERCURSO TEMPORAL



Imagens 22 e 23: Festival de Exposições Culturais (FEXCULT), ocorrido em maio de 2022, na concha acústica. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).



Imagem 24 e 25: Festival de Exposições Culturais (FEXCULT), ocorrido em maio de 2022, na concha acústica. Fachada ativa. Comercialização de pipoca, fomentando o comércio local. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).



Imagens 26: Evento natalino, ocorrido em dezembro de 2022, na Praça Edivaldo Motta. Vista aérea. Fonte: Instagram @pmpatos (2022).

4. PERCURSO TEMPORAL



Imagem 27: Evento de comemoração dos 85 anos da atual EEEFMMMV.
Fonte: Acervo da EEEFMMMV (2022).



Imagem 28: Evento de comemoração dos 85 anos da atual EEEFMMMV.
Fonte: Acervo da EEEFMMMV (2022).

Através desse fortalecimento cultural, os artistas locais também ganharam destaque, uma vez que a concha acústica chegou a possuir uma pintura artística e lúdica em sua parte externa (ver imagem 29). Outra mudança foi a melhoria de seus bancos e mesas, valorizando o lazer de jogos, da iluminação, ao ter sido complementada e melhor distribuída, agregando a sensação de um pouco mais de segurança, dos canteiros, valorizando os espaços de convívio e lazer sociais por toda a praça e a implantação de alguns parques infantis, nas extremidades da praça, como uma iniciativa ao lazer esportivo das crianças e na tentativa de proporcionar mais urbanidade ao espaço. A vegetação se manteve preservada em todos esse período, sendo plantadas novas mudas por toda a praça, para agregar maior conforto ambiental daqui há alguns anos, dado o clima quente e seco da cidade. Além disso, um dos monumentos foi realocado e elevado no piso. Sua área e seu perímetro se mantiveram, sendo iguais aos do terceiro momento, de aproximadamente 3.500 m² e 280 m, respectivamente (ver imagens 30, 31, 32, 33 e 34).

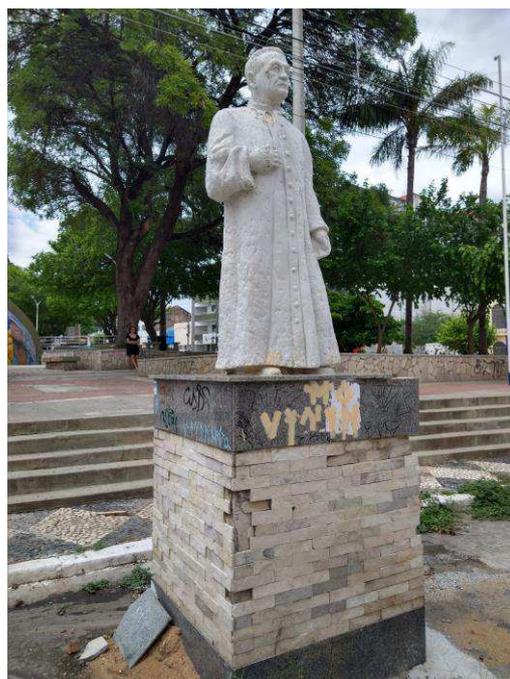
4. PERCURSO TEMPORAL



Imagem 29: Pintura artística na concha acústica da Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Instagram @patospressao (2022).



Imagens 30, 31 e 32: Parques infantis na Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).



Imagens 33 e 34: Monumentos na Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

4. PERCURSO TEMPORAL

Cabe ressaltar que antes da implantação de parques infantis, algumas crianças brincavam subindo em um dos monumentos da praça. E, por mais que a praça seja convidativa durante os eventos que lá acontecem, quando não os têm, ela se torna um verdadeiro “deserto”, sem pessoas, sem vivacidade, sem convidatividade, “sem história”, devido à ausência de “olhos para a rua” por conta do predominante uso comercial de seu entorno imediato que, à noite, é fechado, tornando as fachadas inativas (ver imagens 35 e 36).

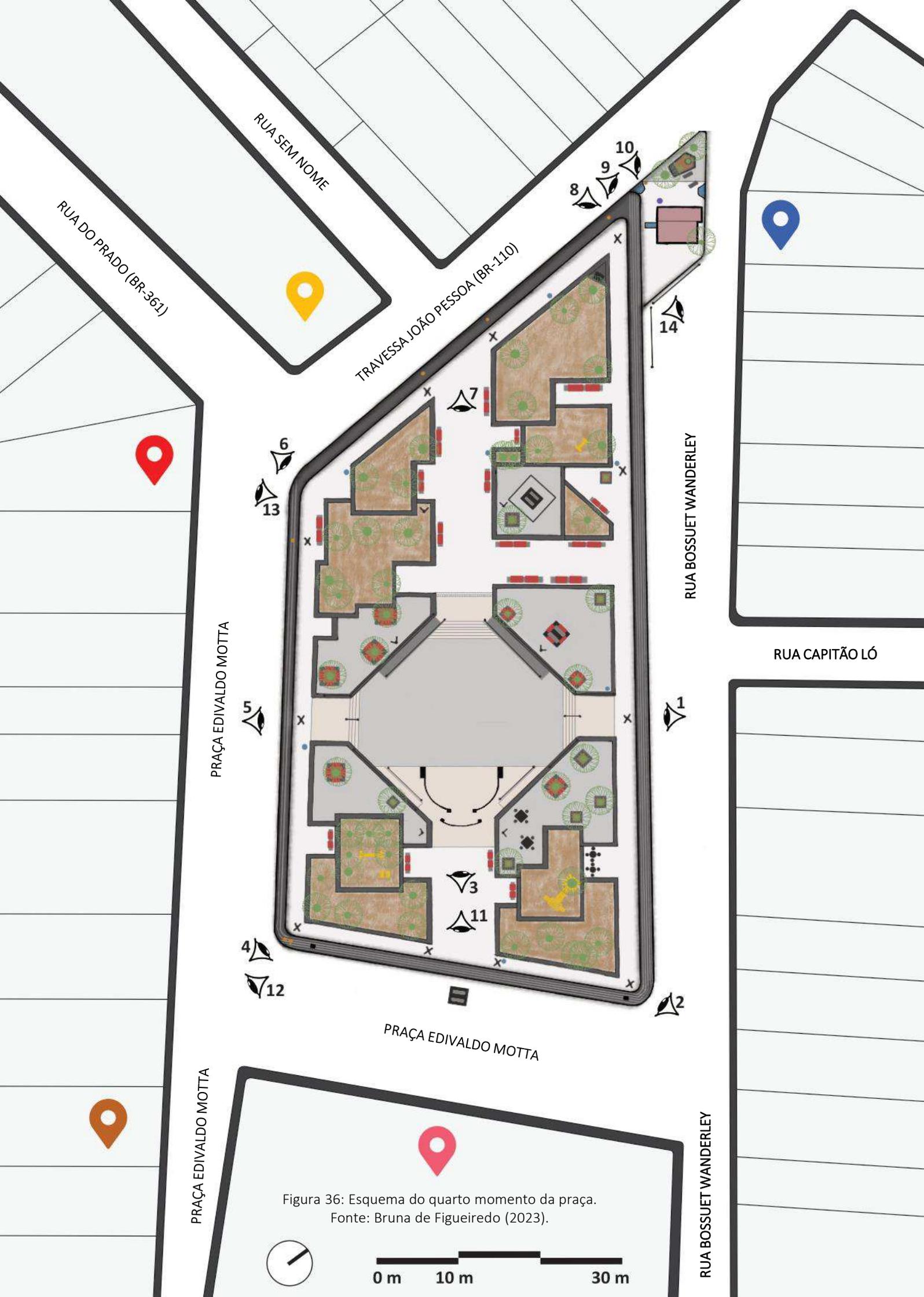


Imagens 35 e 36: Crianças brincando em um dos monumentos da praça. Praça em momento de pouca utilização. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).

Outro ponto negativo são as pichações nos canteiros, bancos e monumentos da praça, que caracteriza a vandalização do espaço. Assim como o alto fluxo de automóveis que por suas extremidades circulam (na BR-110, caracterizada pela Travessa João Pessoa - Avenida Sólon de Lucena, na BR-361, caracterizada pela Rua do Prado e na via Praça Edivaldo Mota – Rua Felipe Camarão) (ver imagens 37 e 38 e figuras 36 e 37).



Imagens 37 e 38: Pichações nos canteiros da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2022).



PRAÇA EDIVALDO MOTTA

RUA BOSSUET WANDERLEY

RUA CAPITÃO LÓ

PRAÇA EDIVALDO MOTTA

PRAÇA EDIVALDO MOTTA

RUA BOSSUET WANDERLEY

Figura 36: Esquema do quarto momento da praça.
 Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).



0 m 10 m 30 m

4. PERCURSO TEMPORAL

ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

(LAMAS, 2011):

- **PRAÇA:** desenho com proporções e alinhamentos, linhas retas, escadarias e anfiteatro;
- **MONUMENTO:** 1 concha acústica e 3 estátuas de homenagem;
- **ÁRVORE E VEGETAÇÃO:** 53 árvores, alguns arbustos e vegetação rasteira;
- **MOBILIÁRIO URBANO:** 1 banca de revistas, 22 bancos nos canteiros, 17 postes de iluminação e de energia, 4 mesas, 16 bancos, 7 lixeiras, 5 parques infantis, 1 orelhão e 7 placas de trânsito.

ATIVIDADES

(GEHL, 2015):

- **Necessárias;**
- **Opcionais;**
- **Sociais.**

QUALIDADE URBANA

(JACOBS, 2011):

- **Atratividade das Ruas;**
- **Lazer para as Crianças;**
- **Usos da Cidade.**

LEGENDA:

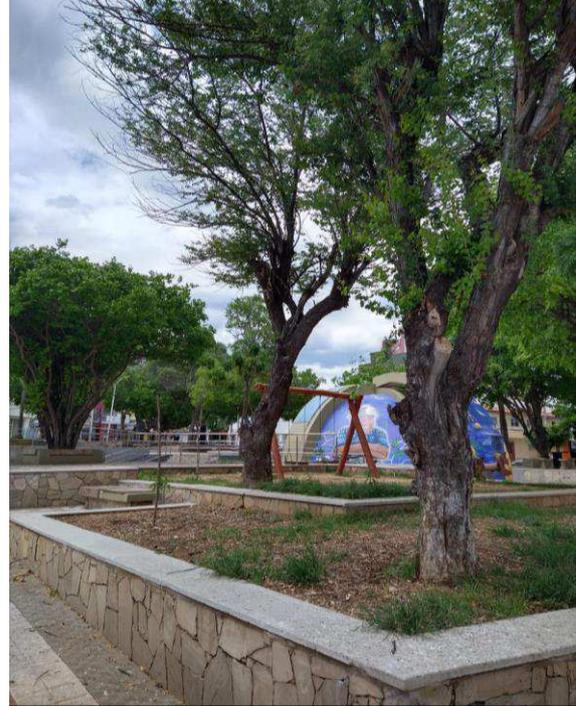


Figura 37: Esquema do quarto momento da praça.

Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

A seguir, algumas vistas da praça e de seu entorno representadas no esquema anterior (ver imagens 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51 e 52):



Imagens 39 e 40: Vista 1 – Praça Edivaldo Motta; Vista 2 – Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

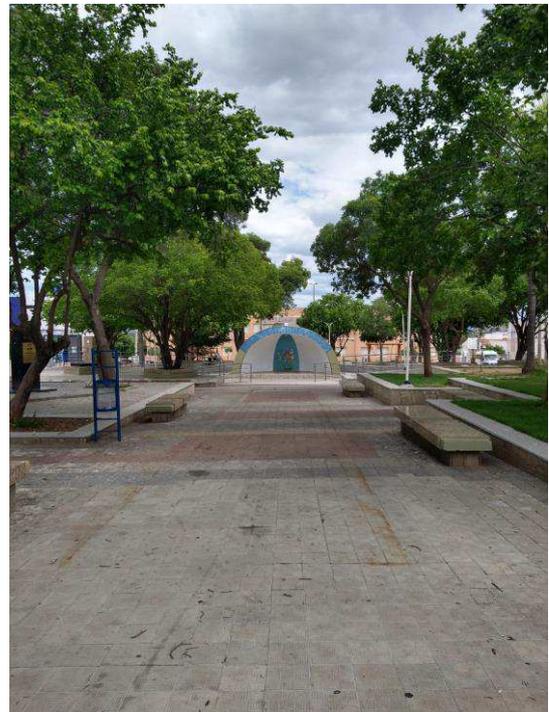
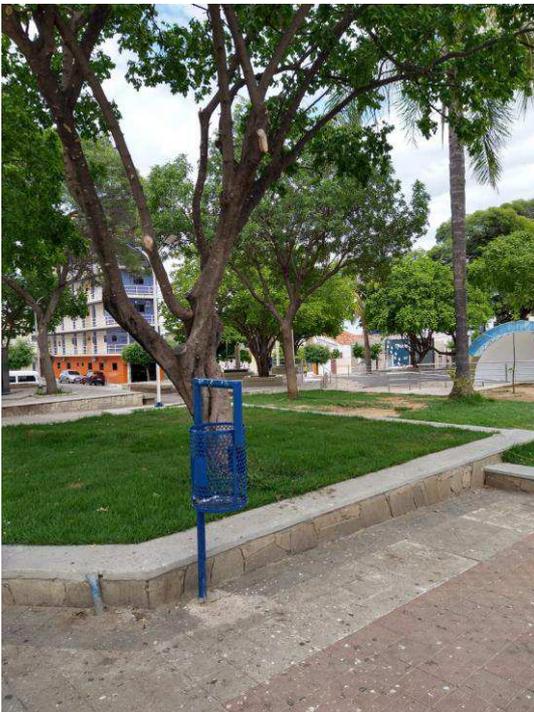


Imagens 41 e 42: Vista 3 – Concha acústica; Vista 4 – Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

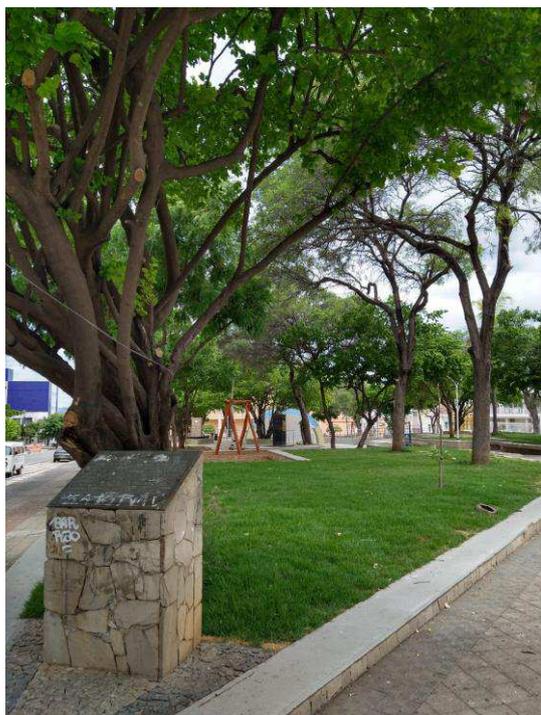


Imagem 43: Vista 5 – Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).



Imagens 44 e 45: Vista 6 – Praça Edivaldo Motta; Vista 7 – Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL



Imagens 46 e 47: Vista 8 – Praça Edivaldo Motta; Vista 9 – Banca Catedral.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).



Imagem 48: Vista 10 – Anexo da Praça Edivaldo Motta.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL



Imagem 49: Vista 11 – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Manoel Vieira.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).



Imagens 50 e 51: Vista 12 – Instituto Histórico e Geográfico de Patos; Vista 13 – Casa da Cidadania.
Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

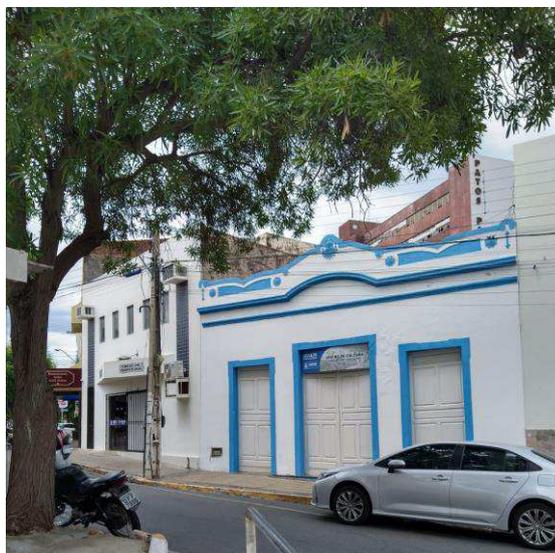


Imagem 52: Vista 15 – Secretaria da Cultura de Patos e CREA (PB). Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

4. PERCURSO TEMPORAL

Dado o exposto, constatou-se que, embora haja atratividade e uso do espaço público, defendidos por Jacobs (2011), a praça ainda apresenta problemáticas evidentes. Devido a ausência de frequentes eventos na praça e de fachadas inativas, ela foi sendo alvo de pichações e uso de drogas no período noturno e assaltos frequentes durante todo o dia, gerando a sensação de insegurança nos pedestres e tornando a praça menos convidativa (ver figura 38).

EVOLUÇÃO DOS MOMENTOS DA PRAÇA

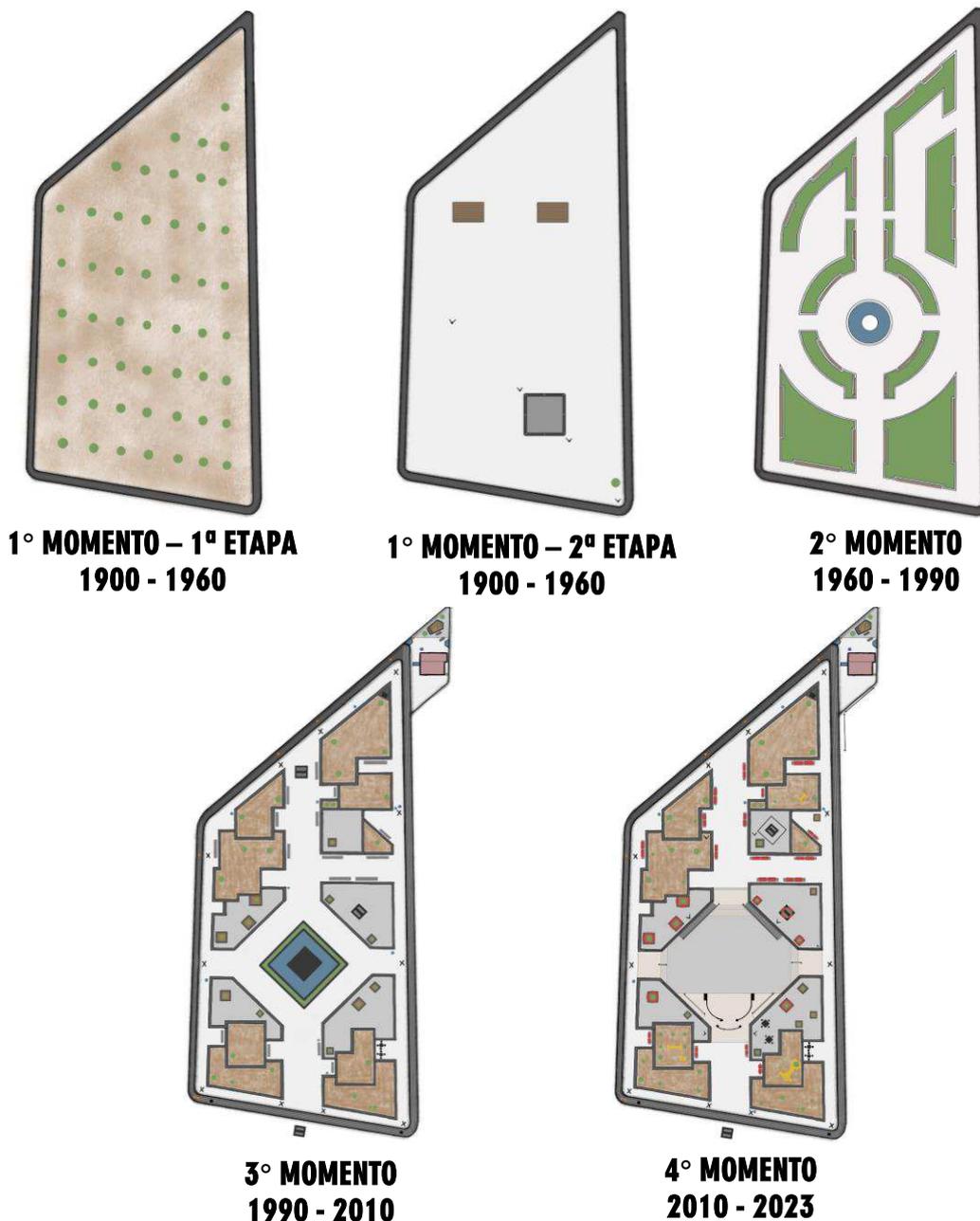


Figura 38: Evolução dos momentos da praça. Fonte: Bruna de Figueiredo (2023).

5

. CONSIDERAÇÕES

FINAIS



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



“[...] O seu nome foi tirado da lagoa dos patos tranquilos de lá. [...] [...] O progresso foi chegando de repente e os patos fugiram de lá deixando a saudade na gente e a ânsia de vê-los voltar. [...]”

Ao longo do desenvolvimento desse trabalho, o trecho acima citado, retirado do Hino da cidade de Patos, ficou em evidência à medida que durante todo o percurso de apontamentos e constatações históricas foi perceptível os momentos aos quais o autor faz referência na canção. Quando ele menciona a lagoa que antes existia repleta de patos, a qual inspirou o nome da cidade, ele retoma ao começo do processo da criação da mesma, em uma época ainda distante do “progresso”. Ao final da canção ele faz menção à chegada dos avanços tecnológicos, do progresso e do processo de urbanização que alterou gradativamente o cenário que antes existia no cotidiano, deixando saudade e passando a existir apenas no imaginário da população.

Através dessa pesquisa tornou-se notório o fato de que entre esses dois trechos existe uma infinidade de acontecimentos e marcos que definiram a história e a memória do povo patoense, entretanto, esse apanhado de conhecimento não está disponível para a população como deveria, devido à falta da correta preservação e documentação.

Constatou-se que nesse aspecto existe um déficit de propagação da história que permeia a criação e o desenvolvimento da cidade, assim como da praça aqui referenciada. O pouco acervo existente não está em evidência nos museus, órgãos públicos e nem nas bibliotecas da cidade, encontra-se dissolvido apenas no imaginário de uma parcela da população e nos escritos de jornalistas e documentaristas que fazem um trabalho minucioso, porém sem a devida divulgação e reconhecimento. Devido a essa falta de compromisso e conseqüente desvalorização, novas gerações crescem sem ter contato com sua memória coletiva em completude.

A análise proposta nesse trabalho, sob uma ótica morfológica, histórica e social, surge como uma alternativa para o resgate de uma parcela dos momentos e acontecimentos que marcaram a evolução histórica da cidade, em especial da Praça Edivaldo Motta, tida como um catalisador da população patoense desde o seu surgimento até os dias atuais. É inegável a importância da praça para a cidade, mas vale salientar que os momentos de maior interação da população com o referido espaço

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

público, atualmente ocorrem em épocas festivas, havendo uma descompensação em outras épocas do ano o que foi constatado que acarreta em problemáticas evidentes. Outra problemática marcante é o alto fluxo de automóveis que por suas extremidades circulam. Por fim, o último impacto vem do entorno imediato da praça, marcado pelo uso comercial, que resulta em pouco ou quase nenhum “olhar para a rua”, diminuindo a qualidade do ambiente da praça, não pela ausência de infraestrutura, mas pela falta de urbanidade. Com isso, surge a indagação de como os representantes e responsáveis estão olhando e interferindo nesse espaço que traz consigo tanta história coletiva, mesmo com a mudança da centralidade da cidade de Patos (PB), e como a população, leiga desse conhecimento, poderá cobrar e apropriar-se dessa memória.

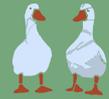
Traça-se, portanto, algumas alternativas que poderiam, juntamente com o devido incentivo público favorecer o resgate e aprendizado dessa história, além do enriquecimento desse espaço público, a praça Edvaldo Mota: A pedestrianização, de duas vias adjacente à praça, desafogando o entorno da presença dos automóveis e convidando as pessoas para ocupar as ruas. A instalação de *food-trucks* para incentivo do comércio local e consequente utilização por parte da população, algo que se atesta como positivo até mesmo em outras praças da cidade. Incremento de mobiliários infantis e proposta de um percurso histórico pela praça que busque explicitar marcos históricos e educar a população ao ar livre sobre a memória coletiva da praça.

Dado o exposto, cabem algumas questões serem complementadas nesta pesquisa para que seja possível um resultado melhor acerca da compreensão de suas problemáticas. São elas: a análise comportamental, sugerida por Lang (1987); a aplicação de entrevistas baseadas na forma de utilização do espaço da praça pela população e da memória individual de uma parcela significativa de habitantes; a análise do entorno de 400 metros (paisagem urbana e usos do solo), que corresponde ao raio de influência de uma praça, que deve atender a uma população, segundo Castello (2013); e um estudo acerca da Psicologia Ambiental. Com isso, e tomando como base os doze critérios de planejamento urbano de Gehl (2015), que respeitam a paisagem do pedestre, será possível definir melhores soluções para cada problemática evidente.

6. REFERÊNCIAS



6. REFERÊNCIAS



- ADAM, Roberto Sabatella. **Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen**. In: da Vinci, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008. Disponível em: <https://estudanteuma.files.wordpress.com/2013/04/gordeon-cullen-cc3b3pia.pdf>. Acesso em: 15 out. 2022.
- COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA PARAÍBA, PREFEITURA MUNICIPAL DE PATOS. **História de Patos**. João Pessoa, PB, 1985.
- CRISTÓFANO, Maria Eduarda Suguimoto de. **Eixo que resiste, cidade que existe. Vitalidade das praças centrais de Presidente Prudente - SP e requalificação da Praça da Bandeira**. Orientadora: Arlete Maria Francisco. 2018. 151 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2018. Disponível em: www.repositorio.unesp.br. Acesso em: 20 dez. 2021.
- CRUZ, Natália Micossi da; ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio. **Praças brasileiras**. São Paulo: EdUSP, 2003.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FREIRE, A. G., MORAIS, F. de O. **Praça Edivaldo Motta: Documentação do espaço público na cidade de Patos (PB)**. In: Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil e Anais do 1º Simpósio Científico ICOMOS-LAC, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: www.even3.com.br/anais/simposioicomos2020. Acesso em: 20 dez. 2021.
- GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**, tradução Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 3 ed., 2015.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**, tradução Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LAMAS, José Manuel Ressano García. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- LIMA, Ana Carla de Sousa. **As multifaces da Clementino: Um mergulho nas transformações morfológicas da Praça Clementino Procópio em Campina Grande – PB**. Orientador: Mauro Normando Macedo Barros Filho. 2018. 90 f. TCC (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018. Disponível em: dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/23986. Acesso em: 8 abr. 2022.
- LOPES, Ricardo A.; ROCHA, Josielle B. **Paisagem urbana de Gordon Cullen: uma leitura atualizada em Niterói – RJ**. In: Anais do XII Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo, São Paulo, 2020. Disponível em: revistes.upc.edu/index.php/SIIU/article/view/9726. Acesso em: 15 out. 2022.

6. REFERÊNCIAS

- LUCENA, Damião. **Patos de todos os tempos: a capital do sertão da Paraíba**. João Pessoa: JB, 2022.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- LYRA, M. F., HOLANDA, M. R. A. **A importância do espaço público como área de convivência social: estudo preliminar de requalificação urbana da Praça Lions, Maceió - AL**. Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Alagoas, v. 6, n. 1, p. 123-134, abril, 2020. Disponível em: www.periodicos.set.edu.br. Acesso em: 20 dez. 2021.
- MEIRELES, Isis; AFONSO, Alcília; MAGALHÃES, Aracelly. **Análise das transformações urbanas através de desenhos: o caso da Praça da Graça – PI**. In: Anais do Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo, São Paulo, 2016. Disponível em: revistes.upc.edu/index.php/SIIU/article/view/6270. Acesso em: 27 nov. 2022.
- MOREIRA, Susanna. **As imagens da cidade de Kevin Lynch através de fotografias aéreas**. Archdaily, 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/955790/as-imagens-da-cidade-de-kevin-lynch-atraves-de-fotografias-aereas>. Acesso em: 15 out. 2022.
- PAISAGEM URBANA – GORDON CULLEN. **Arquitechne**, 2018. Disponível em: <https://arquitechne.com/paisagem-urbana-gordon-cullen/>. Acesso em: 15 out. 2022.
- REINO UNIDO, 1961: GORDON CULLEN PUBLICA "TOWNSCAPE". **Cronologia do Urbanismo**, 2011. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1425>. Acesso em: 15 out. 2022.
- ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio. **Praças brasileiras**. São Paulo: EdUSP, 2003.
- SABOYA, Renato. **Kevin Lynch e a imagem da cidade**. Urbanidades, 2008. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2008/03/14/kevin-lynch-e-a-imagem-da-cidade/>. Acesso em: 15 out. 2022.
- SABOYA, Renato. **O conceito de urbanidade**. Urbanidades, 2011. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2011/09/25/o-conceito-de-urbanidade/>. Acesso em: 15 out. 2022.
- SILVA, Rossevelt Montenegro da. **Análise histórica e paisagística da Praça Edivaldo Mota na cidade de Patos - PB**. Orientador: José Augusto de Lira Filho. 2010. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Engenharia Florestal, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 2010. Disponível em: www.bibliotecaflorestal.ufv.br. Acesso em: 20 dez. 2021.

